

ORDENAÇÃO DE LOCUÇÕES DE TEMPO E ASPECTO EM TEXTOS  
JORNALÍSTICOS: UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA

por  
ÉRIKA CRISTINE ILOGTI DE SÁ

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Maura Cezario

Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria da Conceição de Paiva

Rio de Janeiro  
Maio de 2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Ordenação de Locuções de Tempo e Aspecto em textos jornalísticos: uma abordagem funcional.

Érika Cristine Ilogti de Sá

Orientadora: Professora Doutora Maria Maura da Conceição Cezario

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Examinada por:

---

Presidente, Profa. Doutora Maria Maura Cezario

---

Profa. Doutora Márcia dos Santos Machado Vieira – UFRJ

---

Profa. Doutora Deise Cristina de Moraes Pinto – Unigranrio

---

Profa. Doutora Christina Abreu Gomes – UFRJ, Suplente

---

Profa. Doutora Deize Vieira dos Santos – UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro  
Maio de 2009

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, por terem me ensinado o sentido exato da palavra trabalho. Foi com eles que eu aprendi a não desistir nunca de algo que queremos. Mãe, obrigada por acordar cedo todo dia para me preparar o café, por trabalhar sempre tanto para que eu pudesse estudar e principalmente por me fazer companhia durante a madrugada, até mesmo quando não concordava com meus motivos de desespero. Pai, obrigada por sair de casa bem mais cedo do que o normal só para me levar à faculdade e por sentir tanto orgulho de mim, pode ter certeza de que isso me incentivou a cada conquista. Obrigada aos dois pela dedicação, pelo apoio, pelo carinho, pelo amor e por me tornarem a pessoa que sou hoje. Não seria nada sem vocês.

À minha irmã pelas inúmeras vezes que aturou meus choros durante a madrugada, por todas as conversas de incentivo, por enfrentar todos os problemas do meu lado, por sempre demonstrar tanta admiração por mim. Obrigada pelos tantos passeios que fizemos para desestressar e engordar e até mesmo pelas brigas por causa do computador. Kelly, saiba que não te decepcionar foi um dos motivos que me levou ao final dessa dissertação.

Às minhas duas tias, Glória e Zélia, duas mães que Deus me deu de presente. Obrigada e pelos gestos de carinho. Tia Glória, obrigada por sempre me paparicar na hora em que eu chegava em casa, cansada e ainda tendo que estudar. Tia Zélia, obrigada por sempre arrumar minhas bagunças, sem nunca reclamar de todos os meus papéis espalhados.

Agradeço à minha querida orientadora, por ter me dado a oportunidade, no terceiro período de faculdade, de ingressar no mundo da pesquisa, por ter acreditado em mim e por ter visto além daquela garotinha medrosa. Obrigada principalmente por toda expectativa que tinha em mim, por esperar sempre o melhor e até mesmo pelas brigas, pois sei que só

brigamos com quem amamos de verdade. Você fez com que eu me sentisse importante e acreditasse na minha capacidade.

Ao professor Mario Martelotta por sempre tratar a todos com tanto carinho, fazendo com que cada integrante do grupo D&G se sinta importante. Obrigada ainda por toda atenção dada em momentos tão delicados desse Mestrado, sem ele seria difícil conseguir passar por certas situações. Agradeço ainda por ter iniciado a pesquisa fascinante sobre as tais locuções adverbiais temporais.

Ao grupo de pesquisa Discurso e Gramática, verdadeira família, com a qual eu sempre pude contar. Obrigada pelas muitas viagens juntos, pelas discussões dos textos, pelas trocas de conhecimento e até mesmo por todas as nossas festinhas de confraternização, momentos estes que ficarão para sempre em minha memória. Agradeço às amigas Natália, Bruna e Priscila pela leitura tão atenta desta dissertação, por compartilhar comigo boas risadas, situações inusitadas em nossos congressos e dividir comigo uma fatia de tomate.

À professora Conceição, por ser tão prestativa e solícita nos momentos em que precisei. Obrigada pela atenção e pelo carinho. Espero que possamos trabalhar juntas outras vezes.

Agradeço ainda às amigas Tati e Martinha por toda a paciência que tiveram comigo ao longo desses dois anos. Obrigada pelos nossos almoços, pelos nossos papos, pelas risadas, pelos conselhos, pelas distrações nos momentos em que eu precisava e principalmente por não se afastarem de mim durante minhas piores fases.

Aos meus amigos de graduação e pós-graduação que sempre torceram por mim e tiveram um importante papel na minha formação acadêmica. Obrigada pelos conselhos,

pelos trabalhos feitos em grupo e por compartilharem sempre os desesperos de final de período.

Agradeço a todos aqueles que rezaram e que de alguma forma participaram dessa realização, seja com uma palavra de incentivo, um pensamento positivo ou até mesmo me ajudando a conferir algumas contas. Juliana, Thamires, Guilherme, Luciane, Márcia, Gisele e tantos outros o meu muito obrigada, vocês me ajudaram em momentos cruciais.

Finalmente tenho que agradecer a pessoa que mais próxima esteve de mim nos últimos anos, minha amiga para sempre, Júlia. Obrigada por todas as minhas “primeiras vezes”, pelas horas de conversas, pelos passeios culturais e pelos que não tinham tanta cultura assim, por me aturar falando do São Paulo o tempo inteiro, por puxar minha orelha sempre que precisava, por fazer dos seus amigos os meus também, por ser minha companhia em todos os cursos. Enfim, obrigada por compartilhar sua vida comigo, sei que essa amizade não ficará restrita à faculdade. Ainda viajaremos muito, assistiremos a muitos musicais, iremos a muitos estádios e principalmente, teremos mais alguns anos de pesquisa para enfrentarmos. Julieta, agradeço por ter me viciado em sua companhia, sei que fiz o mesmo.

Não poderia deixar de agradecer a Deus, por colocar todas essas pessoas na minha vida, por ter me dado forças para levantar e seguir em frente quando achei que tudo estaria perdido. Essa dissertação foi uma conquista que infelizmente nem todos os que eu gostaria estavam aqui, ao fim, para compartilhar de sua realização. No entanto, sei que tive um anjo ao meu lado, que não me desamparou em nenhum momento. *Mon ange*, obrigada por tudo o que significou, ou melhor, ainda significa, em minha vida.

ILOGTI DE SÁ, Érika Cristine. Ordenação de Locuções de Tempo e Aspecto em textos jornalísticos: uma abordagem funcionalista. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2009. 120 fl. Dissertação de Mestrado em Linguística.

## RESUMO

Nesta pesquisa, procura-se investigar o posicionamento das locuções adverbiais temporais e aspectuais a partir de um *corpus* formado por textos jornalísticos. Diversos são os fatores que podem motivar a ordenação das mencionadas locuções, como seu papel semântico, sua função discursiva, seu tamanho, a transitividade da oração etc. O principal objetivo dessa análise foi estudar os fatores cognitivos e/ou discursivos, além de estruturais, que motivaram o posicionamento de tais locuções, já que, de acordo com os pressupostos funcionalistas, cada posição assumida possui uma função diferente no discurso.

Em um *corpus* formado por diferentes gêneros textuais (editoriais e notícias) presentes em jornais e revistas, foram coletadas e analisadas todas as locuções adverbiais temporais e aspectuais encontradas. A análise dos dados mostrou que o valor semântico das locuções adverbiais influencia seu posicionamento na cláusula, assim como sua função discursiva. Constatou-se ainda que o tamanho da locução atua na ordenação, pois aquelas com um maior peso fonológico tendem a não interromper o fluxo de informações estabelecido entre o verbo e seus argumentos (mais ligados sintático e semanticamente). Além disso, pode-se verificar a influência da transitividade da oração (segundo Hopper & Thompson 1980 e Thompson & Hopper 2001) e do contexto discursivo em que a locução estava inserida, no posicionamento das locuções adverbiais temporais.

ILOGTI DE SÁ, Érika Cristine. Ordenação de Locuções de Tempo e Aspecto em textos jornalísticos: uma abordagem funcionalista. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2009. 120 fl. Dissertação de Mestrado em Lingüística.

#### ABSTRACT

This research aims to investigate the positioning of temporal and aspectual adverbial phrases from a *corpus* formed by journalistic texts. There are several factors which may motivate their possible positions such as semantic role, discourse role, size, clause's transitivity, etc. The main objective of this analysis was to study the structural, cognitive and/or discourse factors which could have motivated the position of such adverbials, once every position taken has a different function in speech, according to Functionalism theoretical proposals.

In a corpus formed by different textual genres (editorials and news) from newspapers and magazines all temporal and aspectual adverbial phrases found were compiled and analyzed. Data analysis showed that not only the semantic value of mentioned adverbials, but also their discourse function influences their position in the clause. Moreover, the size of the adverbial was predominant, since those with greater phonological weight don't tend to interrupt the flow of information between the verb and its arguments (more syntactic and semantically related). Finally, the influence of clause's transitivity (according Hopper & Thompson 1980 and Thompson & Hopper 2001) and the context in which the adverbial phrase was inserted can also have influenced different positions.

SUMÁRIO	Pág.
INTRODUÇÃO	11
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
1.1 – Iconicidade, Marcação, Prototipicidade e Transitividade	16
1.2 – Gênero Textual	23
2. REVISÃO DA LITERATURA	29
2.1 – Locuções Adverbiais em Gramáticas Normativas	29
2.2 – Locuções Adverbiais em Pesquisas Funcionalistas	32
3. METODOLOGIA e <i>CORPUS</i>	51
3.1 – <i>Corpus</i>	55
4. ANÁLISE DOS DADOS	62
4.1 – Ordem da Locução em Relação ao Verbo	62
4.2 – Papel Semântico da Locução na oração	68
4.3 – Gêneros Textuais	74
4.4 – Papel Discursivo da Locução	78
4.5 – Tamanho da Locução	96
4.6 – Transitividade da oração	101
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
6. BIBLIOGRAFIA	113

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Posição da Locução	65
Tabela 2 – Papel Semântico X Ordem	72
Tabela 3 – Gêneros Textuais X Posição da Locução	75
Tabela 4 – Papel Discursivo	84
Tabela 5 – Papel Discursivo X Gêneros Textuais	87
Tabela 6 – Papel Discursivo X Posição da Locução	91
Tabela 7 – Tamanho da Locução X Posição da Locução	98

## LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 1 – Parâmetros de Transitividade	22
Quadro 2 – <i>Corpus</i> Analisado	51
Quadro 3 – <i>Corpus</i> Reanalisado	60
Gráfico 1 – Ordem da Locução em relação ao verbo	67
Gráfico 2 – Papel Semântico da Locução Adverbial	71

## INTRODUÇÃO

O trabalho consiste em um estudo acerca da ordenação das locuções adverbiais temporais e aspectuais do português contemporâneo escrito. Sabendo que as locuções adverbiais podem aparecer em diferentes posições na frase do português, procuraremos as tendências de sua ordenação e quais os fatores estruturais e semântico-pragmáticos que motivam as diferentes ordenações em cada estrutura em textos jornalísticos.

Ao pesquisarmos as definições e classificações dadas às locuções adverbiais em gramáticas tradicionais, percebemos que essa é marginalizada em relação às demais, pois é definida e exemplificada brevemente no final da apresentação – também insuficiente – sobre advérbios. Embora seja notória a diversidade de posicionamento e de semântica das locuções, essa classe é tratada superficialmente e com pouca exemplificação, como observamos, por exemplo, em Bechara (2001): “Locução adverbial é o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego do advérbio.”

Utilizamos os pressupostos teóricos do funcionalismo linguístico, procurando explicar através, sobretudo, de fatores semântico-pragmáticos o modo de ser da estrutura linguística. Nosso *corpus* é formado por diferentes gêneros textuais presentes em jornais e revistas. Selecionamos os seguintes: notícias da atualidade, editoriais e notícias de esporte, de jornais e revistas de grande circulação<sup>1</sup> a fim de contribuir para o estudo das locuções em textos representativos do português escrito.

---

<sup>1</sup> Partimos dos resultados de pesquisa do trabalho de Iniciação Científica em que verificamos alguns dos fatores que motivam a ordem de locuções em textos religiosos contemporâneos.

Assim serviram como dados da presente pesquisa os seguintes exemplos, em que se verifica que as locuções podem ocorrer em diferentes posições:

- (1) *A frente pacifista Meretz-Yahad, na oposição, tomou **esta manhã** a iniciativa de começar a recolher assinaturas para iniciar o processo de destituição do presidente.* (*O Globo*, editorial. 24/01/2007)
- (2) ***Até agora**, a combinação do policiamento dos usuários e da visualização dos dados trabalhou bem ao tornar as trapaças relativamente mínimas* (*O Globo*, editorial 24/01/2007)
- (3) *Sua carreira foi meteórica. Mal foi eleito para o Senado, já se falava de sua possível candidatura à Presidência, **no futuro*** (*Época*, notícias do mundo 22/01/2007)

Como podemos verificar, as locuções adverbiais em destaque podem ocupar posições diferentes nas cláusulas. No exemplo (1), observamos a locução entre o verbo 'tomou' e o seu complemento 'a iniciativa'. O segundo exemplo nos mostra a locução aparecendo na margem esquerda da oração, em início absoluto. Já no exemplo (3) vemos a locução 'no futuro' ocupando a margem direita da oração. Em todos os casos, as locuções teriam mobilidade. Nosso principal objetivo é estudar fatores cognitivos e/ou discursivos, além de estruturais, que motivaram o posicionamento de tais sintagmas preposicionais, já que, de acordo com os pressupostos funcionalistas, cada posição assumida possui uma função diferente no discurso.

Com base nas características apresentadas, estabelecemos os seguintes objetivos:

- a) caracterizar as posições assumidas pelas locuções adverbiais de tempo e aspecto, apresentando a frequência de ocorrência de cada posição assumida;
- b) verificar a relação entre o papel semântico-pragmático das locuções adverbiais e a posição das mesmas na oração;
- c) observar a relação entre transitividade da oração (cf. Hopper e Thompson, 1980 e Thompson e Hopper, 2001) e posição das locuções;
- d) estabelecer considerações a respeito do uso de locuções em diferentes gêneros do jornal;
- e) investigar se há relação entre tamanho da locução e posição da locução;
- f) analisar a relação entre o papel de cada locução no discurso e posição das locuções, observando se, além de indicar o tempo, a locução também possui uma função mais discursiva, como a função anafórica, ou de introdutora de subtópico.

Já com relação às hipóteses<sup>2</sup>, temos:

- a) deve haver uma posição prototípica para as locuções adverbiais temporais e aspectuais na oração; para nós as locuções tenderiam a ocupar as margens da oração, principalmente a direita;
- b) o papel semântico exercido pela locução deve influenciar na posição que ela ocupa na frase; por exemplo, esperamos que as locuções com valor dêitico apareçam predominantemente na margem esquerda da cláusula, localizando o momento do evento; já aquelas com valores mais aspectuais tenderiam a ocupar as outras posições na oração;
- c) a transitividade<sup>3</sup> da oração deve influenciar a posição da locução, pois, esperamos que (com base em Cezario 2004), quanto maior a transitividade da oração menor a tendência da

---

<sup>2</sup> Algumas das quais já testadas na Iniciação Científica em textos religiosos.

locução aparecer entre o verbo e os seus argumentos para não quebrar a unidade entre as categorias que codificam a transição da ação de um agente para um paciente. Nesses casos, as locuções ocupariam posições marginais à cláusula e em orações de baixíssima transitividade essas locuções poderiam ou não se apresentar inseridas entre o sujeito e o verbo ou entre o verbo e seu complemento;

d) o contexto discursivo (gênero textual ao qual pertence a locução e os graus de formalidade de cada gênero) deve influenciar a ordenação das locuções e na função discursiva das mesmas, já que a categoria tempo é trabalhada de forma diferente em editoriais, artigos e notícias;

e) locuções maiores devem ocorrer nas posições marginais (cf. Andrade, 2005), já que essas estruturas seriam mais pesadas e devem aparecer em posições marginais para não interromper o fluxo de informações essenciais (codificadas através do sujeito, do verbo e do complemento ou predicativo);

f) as locuções com uma função na macro-estrutura do texto, ou seja, com um escopo maior do que a cláusula, devem aparecer predominantemente na margem esquerda da oração, estabelecendo ligações entre partes do texto; ao passo que aquelas com uma função mais restrita à cláusula, apenas se referindo ao tempo do evento não tenderiam a aparecer na margem esquerda da oração, ocupando posições mais ligadas ao verbo.

As locuções estudadas apresentam diferentes valores semânticos, uns mais ligados ao tempo propriamente dito (como *naquela tarde, no domingo*) outras mais ligadas ao aspecto verbal (como *durante uma semana, por dois dias seguidos*). Uma análise contrastiva de usos mais temporais *versus* usos mais aspectuais pode ser vista na seção 4.2,

---

<sup>3</sup> Segundo Hopper & Thompson, 1980 e Thompson & Hopper, 2001

mas é muito incipiente, pois não é objetivo desse trabalho fazer uma análise significativa dessa diferença.

Dessa forma, pretendemos fazer uma análise bastante detalhada do uso de locuções adverbiais temporais e aspectuais em textos jornalísticos, com foco na relação entre posição na oração e seus efeitos semântico-discursivos. A dissertação será apresentada em 6 capítulos. No capítulo 1, mostraremos uma descrição sobre os estudos já feitos sobre as locuções adverbiais e em especial as locuções temporais. No capítulo 2, apresentaremos os pressupostos teóricos que fundamentaram essa Dissertação e no capítulo seguinte relataremos sobre a metodologia usada na coleta e codificação dos dados. O 4º capítulo abrange a apresentação de todos os fatores analisados, seus cruzamentos, assim como toda a análise qualitativa e quantitativa dos dados. Por último, teremos as considerações finais, mostrando quais as conclusões a que pudemos chegar e em seguida estão as referências bibliográficas que nos serviram como base teórica para o estudo.

## 1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Utilizamos a corrente funcionalista americana, segundo a qual o conhecimento de mundo e o linguístico estão ligados, construindo, assim, uma gramática a partir do uso. De acordo com os autores funcionalistas, não é possível compreender o funcionamento da língua sem considerar o comportamento comunicativo dos falantes. Dessa forma, não podemos analisar a língua de maneira isolada, nem a associar apenas a fatores cognitivos, posto que a gramática é resultado de estratégias desenvolvidas no discurso e a linguagem é uma atividade sociocultural.

Tal investigação não considera a diversidade posicional de cada elemento como um fator arbitrário, como consideram os formalistas, mas sim como icônica, ou seja, motivada. Para os funcionalistas a linguagem tem uma estrutura não-rígida, maleável e está sujeita a mudanças, pois essa estrutura está ligada ao discurso. Este, por sua vez, estaria relacionado às situações reais de comunicação, já que é através do discurso que as estruturas vão se adaptando e se modificando para se adequarem ao contexto de uso.

### 1.1- Iconicidade, Marcação, Prototipicidade e Transitividade

Um dos principais pressupostos teóricos do funcionalismo é o **Princípio da Iconicidade**, segundo há relação entre forma (estrutura linguística) e conteúdo (aquilo que o falante pretende expressar). Segundo Givón (1990), o princípio da iconicidade relaciona-se a três subprincípios: subprincípio da *quantidade*, da *integração* e da *ordenação linear*.

De acordo com o subprincípio da quantidade, uma maior quantidade de elementos linguísticos (morfemas, palavras, sintagmas ou frases) será utilizada se a informação a ser

dada for de grande importância e pouco previsível, caso contrário, ou seja, se a informação for óbvia, haverá uma menor quantidade de elementos linguísticos. Por exemplo, o referente sujeito de terceira pessoa pode ficar elíptico quando seu referente foi apresentado no discurso precedente. Mas, se é introduzido pela primeira vez, precisa ser apresentado através de um SN pleno. Observe o exemplo no extrato abaixo:

“O dinamarquês, campeão olímpico pela primeira vez aos 20 anos, soma quatro ouros. Após o título em Roma-1960, ele se aposentou. Mas **voltou** à vela logo depois.

Em Los Angeles-1984, **competiu** ao lado da filha Trine. Quatro anos depois, **retornou** aos Jogos com a caçula, Strine, cumprindo uma das mais bonitas carreiras da vela mundial.” (*Folha de São Paulo*, notícias de esporte, 30/04/2007)

Acima, podemos verificar que a primeira menção ao dinamarquês foi codificada por um sintagma grande: *O dinamarquês, campeão olímpico pela primeira vez aos 20 anos*. Este sujeito explícito na primeira sentença aparece retomado pelo pronome substantivo – *ele* – na segunda sentença e nas orações seguintes o sujeito fica elíptico, visto que a informação já é previsível.

Segundo o subprincípio da integração, quanto mais próximo cognitivamente o elemento estiver, mais próximo este estará na estrutura linguística (e o contrário também se verifica). Por exemplo, advérbios de modo, por modificarem intrinsecamente o verbo costumam se apresentar bem próximos a ele, já os advérbios de tempo, por serem apenas dêiticos temporais, podem vir bem distantes do verbo. Abaixo seguem dois exemplos do comportamento dos adverbiais quando fazem referência diretamente ao verbo ou a sentença.

“Os conservadores não tomam conhecimento disso. Apoiados por 70% dos eleitores britânicos, querem que o substituto de Blair convoque **rapidamente** novas eleições.” (*Época*, atualidades, 07/05/2007)

No exemplo acima, temos uma polissemia do advérbio *rapidamente*, já que indica o modo como a ação de convocar ocorre e ainda faz referência ao curto período de tempo do evento – noção de tempo + modo. (vf. Costa Nunes 2009). Nesse caso, o advérbio ou a locução adverbial atua diretamente no sentido da forma verbal *convoque* e se posiciona imediatamente após esse verbo. Já no exemplo abaixo, observa-se que a locução temporal indica o período de tempo de toda a sentença, veja:

“Acoplado ao projeto *ÉPOCA* Transparência, cujo objetivo é ajudar o leitor e internauta a acompanhar de perto o trabalho dos nossos políticos e governantes, a Bússola Digital – nome do blog de Ricardo – será um ponto de referência para a troca de informações e dicas **nesta nova era da cidadania digital**.” (*Época*, editoriais, 31/07/2006)

A locução adverbial – *nesta nova era da cidadania digital* – indica qual o momento em que o *blog* será importante, sendo uma referência dêitica. Nesse caso, a noção temporal está associada a toda a sentença, não modifica a semântica do verbo e se coloca no final da cláusula.

Já o subprincípio da ordenação linear prevê que (a) a ordem de um enunciado demonstra a ordem de importância dada aos fatos pelo falante, pois a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática ou (b) as informações tenderiam a aparecer nas cláusulas na ordem que ocorrem no mundo real. Um exemplo típico é a coordenação, que expressa o número e a ordem dos eventos de acordo com o que

é percebido pelo falante ou o que ele quer expressar. Veja um exemplo de enumeração de ações.

“Che Guevara e Daniel Ortega foram guerrilheiros latino-americanos que, **em seu momento**, tiraram o sono de Washington e incendiaram o imaginário da esquerda do mundo inteiro.” (*Época*, notícias do mundo, 11/11/2006)

No exemplo, visualizamos duas orações coordenadas entre si numa sequência de eventos percebidos pelo emissor. A ordem em que estes são mostrados parecem indicar a ordem a de importância dada aos dois eventos – tirar o sono de Washington e incendiar o imaginário da esquerda no mundo.

Testaremos esses subprincípios ao procurarmos o porquê das tendências de ordenação das locuções adverbiais temporais em cada uma das estruturas de cada gênero textual, observando topicalização (*ordenação linear*), transitividade (*integração e ordenação linear*) e relação entre tamanho da locução e posição na oração (*quantidade*).

Outro princípio funcionalista relevante para a presente dissertação é o **Princípio de Marcação**, segundo o qual postula que determinadas formas são mais marcadas na língua por serem menos comuns, em alguns contextos.

Givón (1990) propõe um conjunto de pressupostos para distinguir categorias marcadas e não marcadas. São eles:

1- Complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa e, por vezes, até maior que a sua correspondente não-marcada

2- Distribuição de frequência: a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não-marcada

3- Complexidade cognitiva: a categoria marcada requer mais atenção, um esforço mental maior e o tempo de processamento é mais estendido, o que a faz ser uma estrutura cognitivamente mais complexa.

Desse modo, uma estrutura não-marcada seria aquela comum ao usuário, sendo frequentemente empregada no seu dia-a-dia, o que acarreta um menor esforço para a compreensão. Já as estruturas mais marcadas estão diretamente relacionadas a sua baixa frequência na língua, o que conseqüentemente leva o usuário a um esforço mental maior para a assimilação do conteúdo.

Nessa pesquisa, procuramos identificar a posição não-marcada da locução adverbial temporal e, a partir desse resultado, compreender o que a motiva a ocupar uma posição mais marcada na cláusula.

Segundo Taylor (1989, *apud* Amorim, 2009), as unidades que integram uma categoria são caracterizadas a partir de seus atributos que, por sua vez, dificilmente serão compartilhados por todos os membros de uma categoria. Para ele, os membros desta categoria, quando são mais prototípicos, compartilham mais atributos, enquanto que aqueles com menos atributos, ou seja, menos prototípicos, representam estruturas marginais. Sendo assim, quanto menos atributos um membro de uma categoria compartilhar, mais marginal ele será.

Para o autor, a classificação em dada categoria é uma convenção e que cada língua tende a categorizar suas estruturas de forma diferenciada, partindo sempre de características semelhantes entre elas. Dessa forma, a organização das estruturas linguísticas ocorreria de maneira que grupos distintos reunissem numa mesma categoria aquelas que compartilhassem características semelhantes.

O autor ressalta que não existe uma linha clara que divida os membros das categorias em mais ou menos prototípicos. Assim, alguns indícios levam ao reconhecimento de uma estrutura mais prototípica, como o compartilhamento de características similares e a frequência de ocorrência. Segundo Taylor, essa frequência não deve ser considerada como a causa da prototipicidade, e sim um sintoma dela.

Para alguns funcionalistas (Gívon *apud* Saraiva, 1999) estruturas mais prototípicas seriam o centro de uma categoria, pois representam estruturas mais cristalizadas enquanto que as estruturas menos prototípicas ficariam à margem da categoria. Desse modo, vemos que as margens da categoria são mais flexíveis, em oposição ao seu centro, que seria mais sólido. Seriam nessas estruturas menos prototípicas em que as superposições de estruturas e até mesmo de sentidos são permitidas.

Em nosso estudo, tentamos verificar quais estruturas são mais ou menos prototípicas, respeitando as características da categoria.

No que concerne à transitividade, a Gramática Tradicional a apresenta apenas como a transferência de ação de um agente para um paciente. Na linha funcionalista, Hopper & Thompson (1980) propõem a transitividade como uma noção escalar, contínua, caracterizada através de um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos, que focalizam diferentes ângulos da transferência da ação, como podemos observar no quadro abaixo:

	Transitividade Alta	Transitividade Baixa
1. <i>Participantes</i>	<i>dois ou mais</i>	<i>um</i>
2. <i>Cinese</i>	<i>ação</i>	<i>não-ação</i>
3. <i>Aspecto do verbo</i>	<i>perfectivo</i>	<i>não-perfectivo</i>
4. <i>Modalidade da oração</i>	<i>realis</i>	<i>irrealis</i>
5. <i>Agentividade do sujeito</i>	<i>agentivo</i>	<i>não-agentivo</i>
6. <i>Afetamento do objeto</i>	<i>afetado</i>	<i>não-afetado</i>
7. <i>Intencionalidade do sujeito</i>	<i>intencional</i>	<i>não-intencional</i>
8. <i>Polaridade da oração</i>	<i>afirmativa</i>	<i>negativa</i>
4. <i>Pontualidade do verbo</i>	<i>pontual</i>	<i>não-pontual</i>
10. <i>Individualização do objeto</i>	<i>individualizado</i>	<i>não-individualizado</i>

Para eles, esses parâmetros seriam os responsáveis pela transitividade ou não de toda a sentença e não apenas do verbo. A partir dessa noção de transitividade, Cezario (2004) observa que, em determinados *corpora*, o adverbial não tenderia a aparecer entre o sujeito e o verbo e/ou entre o verbo e seus complementos quando a cláusula tivesse uma alta transitividade.

A partir deste pressuposto, Cezario (2004) propõe a hipótese de que o adverbial não tenderia a aparecer entre o sujeito e o verbo e/ou entre o verbo e seus complementos em cláusulas de alta transitividade. Andrade (2005), em sua Dissertação de Mestrado, já havia tratado essa hipótese com um *corpus* de editorial. Ilogti (2006) e Costa (2006), ao analisarem textos religiosos, também observaram que a frequência de advérbios e locuções

adverbiais é baixa na posição entre o sujeito e o verbo ou entre o verbo e o objeto quando as orações têm alta transitividade.

## 1.2-Gênero Textual

A presente pesquisa mostra um estudo acerca das locuções adverbiais temporais e aspectuais presentes em textos jornalísticos, verificando se há alguma característica de cada um dos gêneros que motive a ordenação dos circunstanciais analisados. Para uma melhor compreensão de tais gêneros presentes no *corpus*, foi necessário um estudo sobre os diversos textos analisados e sobre as teorias que abordam questões referentes à distinção entre o gênero textual e os tipos de texto.

A posição defendida por Bakhtin (1985, *apud* Hammes, 2004) de que a comunicação verbal só pode realizar-se por meio de algum gênero textual é o pressuposto que serve como base para a maioria dos autores que estudam a língua através de seus aspectos enunciativos e discursivos. A abordagem do autor se concretiza pelo ângulo sócio-histórico, articulando as dimensões histórica e normativa dos gêneros e enfatizando a sua relativa estabilidade (a relação entre o dado e o novo). Já uma segunda abordagem, decorrente da primeira, é a de que o seu conceito de gênero não se limita àquelas *formas de discurso social*, justamente porque concebe o gênero como uma forma concreta e histórica, necessariamente presente em todas as manifestações discursivas, uma vez que o discurso materializa-se na forma de enunciados, que são sempre construídos em determinados gêneros.

Os gêneros, então, estariam vinculados a situações típicas da comunicação social, relacionados a enunciados estáveis e normativos. Essa relação dos gêneros com os

enunciados e não com uma dimensão linguística desvinculada da atividade social é a natureza verbal proposta pelo autor. Dessa forma, cada gênero possui uma natureza sócio-ideológica e discursiva. O autor enfatiza ainda a relação entre a estabilização dos gêneros e a sua ligação com a atividade humana, já que para ele os gêneros são compostos a partir da situação social de interação típica dentro uma esfera social. Desse modo, os gêneros seriam constituídos ao longo da história por novas situações de interação verbal e as mudanças nos gêneros estariam associadas às mudanças nessas relações sociais.

Porém, para Bakhtin, os gêneros também seriam formas de ação, pois exercem, a partir do momento em que se estabelecem, um efeito normativo sobre as interações verbais ou não verbais. Desse modo, para a interação, é necessário tanto o domínio das formas da língua quanto o das *formas do discurso*, isto é, o domínio dos gêneros do discurso. Assim, no momento da interação, os gêneros auxiliam o interlocutor no modo como interpreta e compreende o enunciado e ainda exercem a função de índices de referência para que o enunciado seja construído, delimitando o autor no processo discursivo.

Marcuschi (2005) adota a posição defendida por Bakhtin e postula que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir no mundo, contribuindo para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas diárias. São fenômenos históricos, relacionados à vida social e cultural, sendo por essa razão eventos textuais maleáveis e dinâmicos que surgem e se modificam a partir das necessidades e atividades sócio-culturais. Eles não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a funções, propósitos, ações e conteúdos, caracterizando-se por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais e não por características linguísticas e estruturais.

O surgimento de um grande número de gêneros textuais no século XX foi propiciado pelas inovações tecnológicas, principalmente na área da comunicação. Assim, através dos novos suportes<sup>4</sup> tecnológicos, novos gêneros – com formas discursivas cada vez mais particulares – são criados para atender às interferências nas atividades comunicativas do indivíduo, como os editoriais, os artigos, as notícias, as telemensagens, os telefonemas, etc.

Partindo do pressuposto de que não existe comunicação verbal que não seja feita por meio de um *gênero*, é impossível que tal comunicação ocorra verbalmente sem um *texto*. Dessa forma, a interação verbal só é possível a partir de algum *gênero textual*, que, embora seja constituído a partir de aspectos sócio-comunicativos e funcionais, não tem a sua forma desprezada, já que em certos casos a forma, a função ou até mesmo o suporte podem determinar o gênero presente.

Assim, para uma melhor compreensão do texto, cabe ressaltar alguns aspectos que diferem os gêneros dos tipos textuais e ainda características do domínio discursivo.

⇒ *Tipo textual*: designa uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição, caracterizando-se mais como sequências linguísticas do que como textos materializados. O conjunto de categorias para designar os *tipos textuais* é limitado, sendo conhecidas como narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

---

<sup>4</sup> *Locus* físico ou virtual onde o texto se apresenta materializado, como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, etc.

- ⇒ *Gênero textual*: são os textos materializados que encontramos no nosso dia-a-dia e que apresentam padrões sócio-comunicativos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. São entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas constituindo em princípio listagens abertas. São formas orais ou escritas bastante estáveis, situadas histórica e socialmente. Inúmeros são a quantidade de gêneros, como o telefonema, o sermão, a reportagem jornalística, o editorial, uma notícia, uma carta, etc.
- ⇒ *Domínio discursivo*: não abrange um gênero particularmente, mas origina vários deles. São as práticas discursivas nas quais identificamos um conjunto de gêneros textuais, ou seja, são as grandes esferas da atividade humana em que os textos circulam. Servem como exemplos de domínios discursivos, o discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso, etc.

Com relação a essas três noções deve-se ter cuidado para não confundir *texto* e *discurso*. Os primeiros são os acontecimentos discursivos para os quais as ações linguísticas, sociais e cognitivas convergem, enquanto que o discurso é aquilo produzido pelo texto ao se manifestar. Dessa forma, o discurso se realiza nos textos em situações institucionais, históricas, sociais e ideológicas.

Geralmente, em um texto podemos encontrar um ou mais tipos textuais, ou seja, ele é tipologicamente variado. Dentre as principais características dos tipos textuais está o fato de serem definidos pelos traços linguísticos predominantes, por uma seqüência, e não por

um texto por completo. Nota-se, então, que num gênero textual há uma grande heterogeneidade tipológica e ao denominá-lo não estamos o relacionando a sua forma (visto que não podemos defini-lo por propriedades que lhe devam ser necessárias) e sim a realização linguística de objetivos us em situações sociais particulares. Dessa forma, um gênero pode não ter determinada característica e mesmo assim continuar pertencendo aquele gênero, como o exemplo dado pelo autor de uma carta pessoal que mesmo sem a assinatura do remetente continua sendo uma carta.

Em alguns textos ocorre ainda uma configuração híbrida, com a presença de dois gêneros textuais. Esse tipo de estrutura configura uma relação intertextual de intergêneros, que se caracteriza por uma mescla de formas e funções de diferentes gêneros em um determinado gênero. Um exemplo da intertextualidade intergêneros seria um artigo de opinião escrito em formato de poema, ou um convite de casamento em formato de reportagem.

Marcuschi encerra as questões sobre os gêneros indicando as seguintes relações:

- Intertextualidade intergêneros = um gênero com a função de outro
- Heterogeneidade tipológica = um gênero com a presença de vários tipos textuais

Organizamos, a princípio, no nosso *corpus* a partir da nomenclatura clássica dos gêneros designada pelos próprios suportes. Consideramos que os textos possuem a intertextualidade de intergêneros e principalmente a heterogeneidade tipológica e que todos fazem parte de um mesmo domínio discursivo: o *discurso jornalístico*. No entanto, foi feita

uma reorganização dos gêneros textuais em estudo com base em algumas características apresentadas por cada um dos textos, conforme apresentaremos na seção 4.3.

Veremos, nos próximos capítulos, se há relação entre tipos de gêneros, posição das locuções, sua semântica e ainda sua função discursiva.

Outros pressupostos teóricos importantes também são apresentados no capítulo seguinte à medida que apresentarmos pesquisas de cunho funcionalista sobre advérbios, como, por exemplo, a noção de função discursiva do advérbio.

## 2- REVISÃO DA LITERATURA

Nesse capítulo apresentaremos alguns estudos já realizados acerca dos advérbios temporais e em especial sobre as locuções adverbiais. Primeiramente, mostraremos como as Gramáticas Normativas abordam o tema e, em seguida, algumas das principais pesquisas funcionalistas que nos auxiliaram na dissertação.

### 2.1. Locuções adverbiais em Gramáticas Normativas

Os gramáticos tradicionais tratam, com raras exceções, das locuções adverbiais de uma maneira superficial. Poucos são aqueles que se dedicam a descrever o posicionamento dos advérbios e a maioria limita-se a explorar apenas a diversidade semântica dos mesmos.

Celso Cunha (1990) classifica os advérbios como: *palavras que se juntam a verbos para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos, para intensificar uma qualidade*. Cunha (1990) mostra as locuções adverbiais em uma seção denominando-as como o conjunto de palavras que expressa um valor adverbial. A partir disso, ele exemplifica as locuções demonstrando que elas podem ser formadas tanto por uma preposição associada a um adjetivo, ou a um substantivo, ou a um advérbio, como podem também ter uma formação mais complexa.

*Meu pai batia-lhe no ombro **em silêncio** (G. Amado, HMI, 142)<sup>5</sup>*

*Olha a vida, rindo ou chorando, **frente a frente**. (R. de Carvalho, EIS, 109)*

---

<sup>5</sup> Exemplo retirado de Cunha, 1990:501

*Já Brás Cubas recomendava ao seu leitor de vez em quando limpar os óculos.*

*(A.Meyer, FS, 170)*

Em relação à semântica das locuções, Cunha detém-se a listar os tipos de ideias expressas pelos circunstanciais com seus respectivos exemplos. Dessa maneira, em Cunha (1990), a única classificação semântica dada aos adverbiais é: afirmação ou dúvida, intensidade, lugar, modo, negação e tempo.

Cunha é um dos raros gramáticos tradicionais que faz uma análise um pouco mais aprofundada sobre a colocação dos advérbios. O autor inicia sua análise afirmando que, de regra, os advérbios se colocariam antes do termo ao qual eles modificam caso este fosse um adjetivo, um particípio isolado ou um outro advérbio. Já se os advérbios forem modificadores de verbos, observa-se uma relevância de seu valor de circunstância expresso, pois os advérbios de modo apareceriam depois do verbo; os de negação sempre antecederiam o verbo; e os de tempo e de lugar poderiam ser colocados em ambas as posições.

Uma última regra para o posicionamento dada por Cunha (1990) é a do adjunto adverbial de realce, que deve ser expresso por uma antecipação. Pelos exemplos vinculados a essa regra, pode-se observar que tais adverbiais apareceriam no início absoluto da cláusula. Veja:

*Daqui por diante há só um talher à mesa. (E. de Queirós, OF, II, 24<sup>6</sup>)*

*Lá dentro, a bandeira era beijada e abraçada. (A. Peixoto, RC, 583)*

*Em cima, é a lua,*

*no meio, é a nuvem,*

*embaixo, é o mar. (C. Meireles, OP, 258)*

Rocha Lima (2003) considera que os advérbios são apenas *palavras que modificam verbos servindo para expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal*. Para ele, é função do advérbio acompanhar o verbo e exprimir as circunstâncias que os cercam. Com relação às locuções adverbiais, Rocha Lima (2003) as define como sendo duas ou mais palavras que funcionam como advérbios e a lista exemplos de locuções, como: **às vezes, às cegas, às claras, às pressas, de repente**, etc.

Rocha Lima (2003) não se limita em afirmar que os advérbios e locuções adverbiais possuem a função sintática de adjuntos adverbiais. Para ele, o advérbio pode ser considerado como um complemento circunstancial dependendo da cláusula. O autor define, então, a noção de verbo intransitivo como aquele que encerra em si *a noção predicativa, dispensando quaisquer complementos*, ou seja, o verbo recorta apenas um papel participante, que se funde com o argumento sujeito.

No entanto, há casos em que verbos considerados intransitivos pela Gramática Tradicional apresentam-se em construções nas quais podemos verificar a circunstância como um papel participante, como nos exemplos:

---

<sup>6</sup> Exemplo retirado de Cunha, 1990:503.

*Morar em Paquetá*<sup>7</sup>.

*Estar à janela*

*A guerra durou cem anos.*

Observamos que *em Paquetá* não pode ser considerado apenas um adjunto adverbial, ou seja, um termo acessório da oração. Ainda segundo Rocha Lima, este é um complemento de natureza adverbial, isto é, *tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais*. São estes os chamados complementos circunstanciais. Este é um fenômeno que pode ser constatado em virtude da semântica de verbos como *morar, ir, durar, viver*, etc. que não recortam participantes tradicionais como o objeto direto e o indireto, mas sim circunstâncias necessárias à coerência externa do evento.

Uma revisão mais detalhada acerca dos advérbios e locuções adverbiais em gramáticas tradicionais pode ser obtida nos trabalhos de Freitas (2004), Albani (2007) e Rodrigues (1994).

## **2.2. Locuções adverbiais em pesquisas funcionalistas**

Martelotta (1994) faz um estudo mais abrangente no que diz respeito ao posicionamento de circunstanciais, buscando os fatores discursivos que o influenciam, em um *corpus* formado por textos orais da língua portuguesa. Para ele, a posição assumida por cada circunstancial temporal reflete sua função no discurso.

---

<sup>7</sup> Cf. ROCHA, L. 2003:252

O principal objetivo do autor é demonstrar que os argumentadores discursivos, como o *aí*, *depois*, *logo*, *então*, por exemplo, seguem tendências de ordenação diferentes dos outros circunstanciadores. Ao discorrer sobre as posições assumidas pelos circunstanciadores temporais, Martelotta parte da proposta de Hopper & Thompson (1980), segundo os quais o *discurso narrativo* apresenta duas perspectivas – **figura e fundo** –, que são determinadas através de traços semântico-gramaticais e adota tal princípio ao *discurso não-narrativo*, fazendo a seguinte distinção entre ambos:

a oposição entre figura e fundo não se restringe à narrativa, assumindo um papel mais amplo no discurso. Existem dois níveis de distinção entre figura e fundo. O primeiro reflete a intenção do falante de direcionar o fluxo do discurso para a narrativa ou para a não-narrativa: se o falante está narrando, eventos e situações não-narrativas funcionam como fundo; e, ao contrário, se o falante está comentando ou descrevendo, eventos e situações narrativas funcionam como fundo, servindo para evidenciar este comentário ou esta descrição. Direcionando o fluxo do discurso para um ou outro desses dois planos, estabelece-se um segundo nível de distinção entre figura e fundo, baseada nos traços semântico-gramaticais que caracterizam cada um destes dois tipos de discurso. (1994:2-3)

Dessa forma, o discurso narrativo seria realizado a partir dos traços [+específico], [+perfectivo], [+cinético], [+punctual] caracterizando a figura e os traços [-específico], [-perfectivo], [-cinético], [-punctual] caracterizando o fundo. Já os traços semântico-gramaticais que marcariam a figura no discurso não-narrativo seriam [-específico], [+cinético], [+punctual] e o fundo teria os traços [-específico], [-perfectivo], [-cinético], [-punctual].

A partir dessa distinção entre a figura e o fundo, Martelotta (1994) caracteriza a semântica dos circunstanciadores, relacionando sua função ao discurso. Assim, o autor faz a seguinte classificação:

a) Circunstanciadores de tempo determinado – dão uma informação precisa sobre o tempo de um acontecimento. Tem uma tendência a ênfase ou focalização ou topicalização por marcar a sequencialidade de fatos e são marcados pelo traço [+específico] nas narrativas e pelo traço [-específico] nas não-narrativas. Como exemplos o autor cita: *hoje, ontem, semana passada, à sete horas, quando ele chegou etc.*

b) Circunstanciadores de tempo indeterminado – dão a ideia de eventos que ocorrem ao longo de um tempo. Aparecem principalmente no discurso de fundo, pois marcam a falta de sequencialidade e estão relacionados a situações não específicas, como em *sempre, geralmente, nunca, nunca mais, etc*

c) Circunstanciadores iterativos – expressam a repetição de uma mesma situação e tendem a ser topicalizados ou focalizados no discurso de fundo. Exemplos dados pelo autor são: *às vezes, duas vezes por semana, de vez em quando, etc.*

d) Circunstanciadores de simultaneidade – expressam concomitância entre eventos e situações. Possuem as mesmas características de discurso, já que marcam situações não específicas e simultâneas entre si. Estão relacionados aos eventos de figura e tendem a ocorrer topicalizados ou focalizados antepostos ao verbo. São exemplos: *enquanto isso, ao mesmo tempo, etc.*

e) Circunstanciadores delimitativos – indicam o início e/ou fim da permanência de uma determinada situação no tempo. Apresentam características semântico-gramaticais de

fundo, por tratar de ações que duram em um determinado tempo, mas ao mesmo tempo denotam o tempo específico em que certo evento inicia-se ou termina. Tais características fazem com que seu posicionamento nas cláusulas seja mais livre. São exemplos expressões como *há três anos, até hoje, durante três meses, etc.*

No que concerne à ordenação de tais circunstanciais temporais, Martelotta propõe seis posições:

POSIÇÃO 1 – antes do verbo, sem a ocorrência de sujeito.

POSIÇÃO 2 – antes do sujeito

POSIÇÃO 3 – entre o sujeito e o verbo

POSIÇÃO 4 – após o verbo, sem a ocorrência de complemento ou predicativo.

POSIÇÃO 5 – entre o verbo e o complemento ou predicativo

POSIÇÃO 6 – após o complemento ou predicativo.

Essas posições são encontradas em cada um dos discursos (figura ou fundo em textos narrativos e não-narrativos) de que fazem parte. Dentro de cada um, o autor desenvolve considerações a respeito do valor semântico das locuções (tempo determinado, indeterminado, simultâneo, delimitativo, ou iterativo) e busca a relação existente entre o discurso onde as locuções se encontram e sua posição na sentença.

O primeiro tipo de circunstanciador analisado é o de tempo determinado, constatando o autor que há uma forte tendência de os mesmos serem topicalizados ou enfatizados, através de posições pré-verbais, em figuras narrativas e não-narrativas. A mesma tendência é vista no discurso de fundo, narrativo e não-narrativo, onde se observa apenas uma utilização maior dos circunstanciadores em posição pós-verbal (a diferença de porcentagem mostrou-se menor no discurso de fundo do que na figura). Com relação

àqueles que indeterminam o tempo dos eventos, pode-se verificar uma baixa ocorrência de circunstanciais com esse valor em figuras (narrativas e não-narrativas), visto que nesse tipo de discurso ocorre predominantemente uma precisão nos eventos, o que caracterizaria a utilização de circunstanciadores que determinem a temporalidade dos fatos. No plano de fundo, vê-se uma predisposição a ocorrerem tendência para as posições pré-verbais, tanto no discurso narrativo, quanto no não-narrativo.

Em quantidade menor que os circunstanciadores de tempo determinado e indeterminado, aparecem os de simultaneidade, os delimitativos e os iterativos. Os circunstanciadores do primeiro tipo tiveram 100% de suas ocorrências em posições pré-verbais, todas em fundo dos textos narrativos e não-narrativos. Já com relação aos delimitativos, Martelotta observa que possuem um comportamento similar ao dos circunstanciadores de tempo determinado, na narrativa, visto que tenderam a se apresentar em posições pré-verbais nas orações do plano figura e em posições pós-verbais no plano de fundo. Porém, nos textos não narrativos, a tendência não se mantém, já que, na figura, o circunstanciador delimitativo se mostra mais produtivo em posição posterior ao verbo. O autor explica, ainda, que tal tendência mais livre ocorre por se tratar de um circunstancial que indica ao mesmo tempo um momento específico de um evento (como os de tempo determinado) e a duração ao longo do tempo – o que caracterizaria um discurso de fundo. Por último, o autor discorre sobre o posicionamento dos iterativos, que, na narrativa, pouco aparecem em figura, sendo todos em posições pós-verbais, ou seja, desfocalizados. Esses circunstanciadores mostram-se mais presentes no fundo, já que esse plano narrativo é marcado por uma não-especificidade de eventos. Dessa forma, eles assumem principalmente as posições pré-verbais, enfatizando a ideia que eles carregam. Nos

discursos não-narrativos, o autor percebeu que a grande maioria dos circunstanciais iterativos posicionou-se à esquerda do verbo, pois o traço [-específico] pode ser observado tanto no discurso de figura quanto no discurso de fundo.

Martelotta conclui sua análise sobre o posicionamento dos circunstanciais temporais afirmando que:

o circunstanciador tende a ocorrer em posições pré-verbais quando traz informações temporais análogos aos traços semântico-gramaticiais do discurso em que ocorre. Esta relação semântica empurra o circunstanciador para as posições pré-verbais, enfatizando-o ou topicalizando-o. (1994:201)

A tese de Martelotta foi fundamental para a presente pesquisa, que pretende aprofundar a análise da posição das locuções adverbiais temporais. Aproveitamos principalmente o modo de analisar a posição dos advérbios e a classificação das locuções.

Após a pesquisa feita por Martelotta (1994), muitas outras surgiram para abordar o tema. Andrade (2005), por exemplo, em sua Dissertação de Mestrado, analisou as locuções adverbiais temporais e aspectuais (objeto de estudo da presente pesquisa) em editoriais do Jornal do Brasil, coletados nos anos de 1999, 2003 e 2004, ou seja, a autora utilizou como *corpus* textos jornalísticos contemporâneos, com alto grau de formalidade.

Um dos principais objetivos da autora era identificar os possíveis fatores que motivariam a posição pré-verbal ou pós-verbal das locuções. Para isso, tomou por base os estudos anteriormente citados de Martelotta e classificou de acordo com a semântica as locuções adverbiais temporais encontradas em: localizadoras (as que localizam o evento no tempo), durativas (expressam a duração de uma situação), reiterativas (apontam uma

repetição de um evento) e simultâneas (indicam dois eventos que ocorrem concomitantemente). Além da semântica, a autora também verificou o tamanho da locução – para saber se seu peso influenciaria no seu posicionamento –, sua função textual – ou seja, possuíam um papel anafórico ou não com relação ao que já havia sido mencionado – e ainda analisou o tipo semântico do verbo da cláusula em que a locução estava inserida.

Ela encontrou um total de 292 dados nos 150 editoriais coletados e pode constatar que as locuções em estudo não tendiam à posição pré-verbal ou à pós-verbal. A autora encontrou 47% dos dados anteriores ao verbo e 53% posteriores, o que a princípio mostrava um equilíbrio na distribuição de ambas as posições. No entanto, ao observar cada tipo semântico, verificou-se algumas tendências no posicionamento.

Andrade observou que aquelas locuções com valor localizador e durativo não pareceram ter preferência por uma certa posição, pois a diferença percentual entre as duas não se mostrou significativa. As locuções reiterativas apresentaram-se em maior número na posição pós-verbal (71%) e as simultâneas mostraram-se mais produtivas na posição pré-verbal (80%). A autora levanta ainda o questionamento sobre uma gramaticalização desses dados, já que possuem uma característica até mesmo de conectivo textual e estão propensos a uma posição mais fixa na oração.

Um resultado interessante foi o encontrado para o fator tamanho da locução. A autora previa que um maior número de locuções grandes se localizassem nas margens das cláusulas. Porém, o que foi observado é que tal posição era a preferida tanto pelas locuções grandes quanto pelas locuções pequenas, o que não permitiu à autora dar grande relevância ao fator. Segundo ela, provavelmente, tal resultado pode ter sido influenciado pelo tipo de texto e pelo seu grau de formalidade. Dessa forma, tomamos por base sua hipótese inicial e

verificamos se o tamanho dessas locuções influenciaria de alguma maneira sua ordenação nos demais textos jornalísticos, como pode ser observado na seção 4.5.

No que diz respeito ao tipo de texto, a autora pode notar ainda que o grande grau de formalidade do editorial, sua forma estrutural e até mesmo os temas abordados dão a esse gênero características específicas. Ela faz uma breve avaliação sobre a função das locuções nos editoriais e verifica que seu papel é de extrema importância, principalmente as locuções localizadoras, que se mostram as mais produtivas (60% do total de dados).

Por fim, ela trabalha com a hipótese de que a transitividade da oração (segundo Hopper & Thompson, 1980 e Thompson & Hopper, 2001) influencia o posicionamento das locuções. A autora verificou que 44 dados de seu *corpus* apresentavam a locução inserida entre o sujeito e o verbo ou entre o verbo e o complemento e analisou estes dados a partir dos 10 traços de transitividades propostos por Hopper & Thompson. Destes 44 dados, 30 apresentavam grau baixo na escala de transitividade, o que, a princípio, confirmava a hipótese inicial de que as orações com alta transitividade não devem apresentar elementos inseridos entre o sujeito e o verbo e o verbo e o complemento (com base em Cezario, 2004)

Assim, procuramos observar alguns aspectos apontados na dissertação de Andrade, dando conta de uma maior quantidade de gêneros jornalísticos.

Ilari (2001), em seu estudo sobre a expressão linguística de tempo, aborda a questão dos adjuntos adverbiais usados para a indicação temporal. De acordo com o autor, a expressão temporal pode ter um valor de localização de eventos, de duração interna dos eventos, ou até mesmo expressar uma reiteração.

O autor começa a descrever os adjuntos adverbiais dêiticos, que são aqueles que localizam os eventos no tempo, ou seja, aqueles que mostram as ações com valores não

durativos e não iterativos. Para ele, esses adjuntos respondem à questão “quando?” e podem indicar uma localização mais ou menos específica de acordo com os momentos apontados. Ilari mostra que esses adjuntos podem remeter-se a um tempo disponível ou não no texto em que estão inseridos, ou seja, existem aqueles adjuntos que possuem uma ancoragem textual endofórica ou exofórica, dependendo da situação em que se referem.

A questão da duração interna dos eventos pode ser expressa por diversas maneiras e, segundo o autor, devemos distinguir três processos: os pontuais; os duráveis com a ideia de “tempo gasto” ou “tempo empregado”; e processos duráveis com a ideia de “tempo escoado” e os que indicam estados ou atividade. Em alguns casos, os adjuntos adverbiais, que associados a essas noções temporais, responderiam a pergunta “em quanto tempo?” ou mesmo “quanto tempo... levou para..?”.

Por último, o autor afirma que a escolha de uma determinada estrutura sintática nos resulta uma interpretação reiterativa ou não da sentença, combinada sempre a alguns outros fatores. Um deles é justamente a presença de certos adjuntos us, principalmente aqueles que se utilizam da noção de “vez”, ou seja, *referindo-se sempre a uma repetição de eventos de um mesmo tipo*. Assim, a ideia de reiteração pode ser percebida quando se responde a pergunta “Quantas vezes?” e pode vir caracterizada numericamente ou mesmo através de termos indefinidos. Tal classificação foi aproveitada na presente dissertação.

Outro estudo relevante para a presente pesquisa é o trabalho de Brasil (2005) sobre a ordenação de circunstanciais temporais e locativos no português do Brasil e no português de Portugal. Neste trabalho, vemos, sob uma perspectiva variacionista, a identificação de padrões dos circunstanciais, sua ordem não-marcada e os fatores que determinam a preferência de ordenação dos constituintes.

A autora pressupõe que exista uma ordenação preferencial para cada uma das duas classes semânticas analisadas (ordem não-marcada) e que, por algumas condições divergentes, ou até mesmo por imposições comunicativas, tal posicionamento é modificado. O conceito de posição não-marcada é dado àquela em que o circunstancial apresenta-se em maior frequência, em que a informação é processada mais facilmente. No momento que essa tendência não é respeitada, ocorre uma estrutura menos previsível e por isso mais marcada no contexto.

A partir de uma análise de estudos feitos anteriormente sobre a ordenação dos circunstanciais, a autora percebe que os autores admitem uma maior variação posicional do circunstancial temporal, em relação ao locativo (seu outro objeto de estudo). Ela explica ainda que tal diferenciação ocorreria porque, segundo Paiva (2002), há a possibilidade de o locativo ser um argumento verbal, o que o fixaria em posição pós-verbal. Já os com um valor temporal se dividiriam especialmente nas margens da cláusula, sendo que aqueles posicionados na margem esquerda teriam uma função coesiva maior.

A autora utiliza um *corpus* de língua escrita constituído de 330 textos de jornais e revistas do português brasileiro e europeu de diferentes gêneros, como anúncios, entrevistas, notícias/reportagens e matéria assinada/artigo de opinião, todos coletados no período de 1999 a 2002.

No início de seu trabalho, Brasil considerava os sintagmas preposicionais juntos dos advérbios e após uma primeira leitura percebe a necessidade de separá-los. Sua primeira consideração em relação aos advérbios e os sintagmas preposicionais temporais foi de não apresentarem uma posição não-marcada rígida, já que a diferença entre a posposição e a anteposição em relação ao verbo não foi acentuada. No entanto, a autora define como

posição não-marcada para os circunstanciais de tempo a margem esquerda e começa uma discussão acerca dos fatores que influenciam o uso numa posição diferente, tais como os fatores de natureza sintática, semântica e discursiva.

Brasil faz uma importante consideração ao levantar a questão de que os circunstanciais no português do Brasil (PB) possuem uma resistência maior às posições internas da cláusula, o que não é visto no português europeu (PE). Neste, os circunstanciais colocam-se mais frequentemente à margem direita do verbo, ocupando quase uma posição de clítico. A autora salienta ainda que esta seria uma hipótese que deveria ser mais aprofundada, mas afirma que as diferenças de frequência entre as duas modalidades pode estar associada à ordenação de clíticos no PE.

Tanto no PB quanto no PE a autora identifica fortes influências do discurso para o posicionamento dos circunstanciais, sendo eles importantes para a construção da coesão e da coerência textual. Ela indica que a posição inicial é ocupada quando o circunstancial em questão está relacionado à continuidade ou à retomada de pontos us de informação, assim como quando estabelece uma relação entre determinados pontos do texto ou mesmo quando indica um foco de contraste. Já quando ocorre um acréscimo de informação nova, o circunstancial aparece apenas para contribuir no desenvolvimento do discurso e posiciona-se na margem direita. Dessa forma, a autora afirma que os circunstanciais constituem um elemento importante na articulação tema-remática já que o autor os utiliza para introduzir novos referentes ou referir-se a algum já mencionado no discurso.

Percebendo a importância dos circunstanciais na organização do discurso, Brasil conclui que “as variações posicionais dos circunstanciais, em especial dos temporais, refletem pressões impostas pela organização linear do texto e pelas exigências de garantir

sua coerência e coesão”. No entanto, tal funcionalidade não exclui os fatores semântico-lexicais como motivadores para a ruptura da ordem preferencial do circunstancial. Assim, a autora constatou que os temporais que possuem uma noção mais relacionada especificamente com a constituição interna da predicação do que com a noção aspectual tendem a ocupar posições adjacentes ao verbo e não as margens, sendo estes os circunstanciais que menos se apresentam na posição não-marcada.

Uma das suas conclusões a respeito do escopo do circunstancial e sua ordenação. Ela conclui que, tanto os locativos quanto os temporais, quando estão associados a todo o discurso, posicionam-se à margem esquerda da cláusula. Já sua ordenação anteposta ao verbo pode ser verificada quando seu poder de atuação é mais restrito, posicionando-se, nesses casos, principalmente na margem direita.

A autora fez uma importante consideração acerca da influência do sujeito na cláusula em que o circunstancial temporal se apresenta. Sua hipótese era que o circunstancial ocupasse a posição do sujeito quando este não estivesse presente. No entanto, isso só foi observado no PE e nas cláusulas em que o sujeito estava ausente. Já no PB esse fator foi pouco relevante tanto para os advérbios quanto para os sintagmas preposicionais. Brasil afirma que a diferença entre as duas variedades (PB e PE) pode ser explicada por fatores discursivos e sintáticos, ou até por serem reflexo de opções estruturais diferentes no que se refere ao sujeito nulo. Além disso, ela ressalta que, em contextos onde o sujeito está oculto, a presença do circunstancial em sua posição poderia prejudicar a relação anafórica com seu antecedente e talvez a não antecipação do adverbial ocorra para dar prioridade a essa informação.

Ela também verificou a relação entre quantidade de material fonológico e posição dos circunstanciais. O resultado foi o esperado: aqueles circunstanciais considerados maiores posicionaram-se após o verbo e os de menor quantidade fônica, nas posições anteriores ao verbo. Viu-se ainda que as posições mediais são quase que exclusivas daqueles que possuem pouco material fonológico, ou até mesmo para os monossílabos.

Por último, Brasil trata da questão dos diferentes gêneros textuais utilizados na amostra. Pode-se observar que o as notícias foram o gênero que mais infringiu a ordem não-marcada. No entanto, a autora afirma que se deve considerar a forma de organização do discurso analisado, seu veículo de comunicação e até mesmo o estilo do autor.

Em Paiva (2007), no seu artigo sobre regularidades e divergências nos padrões de organização no discurso dos circunstanciais temporais (estão incluídos aí os advérbios simples e as locuções adverbiais temporais), vemos o confronto de duas modalidades linguísticas: a fala, representada por entrevistas colhidas pela Amostra Censo 80, com falantes cariocas no período de 1980 a 1984; e a escrita, com um *corpus* formado por diferentes gêneros de textos extraídos de jornais cariocas, como o *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Extra* e *O Povo*. Ambas as modalidades estão disponibilizadas pelo Programa de Estudos sobre o Uso da Língua, o PEUL.

A autora se vale do conceito de marcação, mas mostra que a oposição marcado X não-marcado não seria absoluta, já que a função da modalidade, o tipo de texto e de gênero discursivo podem influenciar na posição. Portanto, Paiva procura, no artigo em questão, mostrar que podemos traçar paralelos entre as duas modalidades, mas que, ao nos referirmos à ordem não-marcada e ao contexto de uso, outros fatores intervêm na ordenação.

Ao identificar as posições que os circunstanciais temporais (tanto os advérbios quanto os sintagmas preposicionais) podem assumir nas cláusulas, a autora define as seguintes possibilidades: margem esquerda da oração (ME); entre o sujeito e o verbo (PM1); entre o verbo e o objeto (PM2); e margem direita da oração (MD).

Como resultado mostrado na primeira tabela por ela analisada, pode-se concluir que a ordem mais frequente, nas duas modalidades, era a posição final da oração, ou seja, a margem direita. Essa tendência foi observada tanto na variação dos advérbios quanto dos sintagmas preposicionais, o que a levou a afirmar que essa era a posição não-marcada dos circunstanciais temporais. Ainda no que diz respeito a um primeiro resultado encontrado por ela, outra semelhança encontrada foi a escassez de circunstanciais ocupando a margem direita da cláusula.

No entanto, no que concerne à ordenação dos circunstanciais nas posições mediais, poucas são as semelhanças entre as variedades em questão. Na fala, não foram encontradas diferenças significativas entre as posições PM1, PM2 e MD, já que os circunstanciais distribuíram-se de maneira equivalente entre essas posições. Já na escrita, os circunstanciais tenderam a ocupar a posição entre o verbo e o objeto, sendo esta a segunda posição mais assumida por eles.

Paiva mostra também resultados mais us no que se refere à modalidade escrita. Ela considera os diferentes gêneros que compõem o *corpus* – crônica, reportagem e editorial – como importantes influenciadores na posição dos circunstanciais e os resultados encontrados confirmaram tal hipótese. Como apresentado, o gênero que possui um comportamento mais diferenciado é a reportagem, onde se observa uma maior variação

entre as posições. Nos demais, segue a tendência geral de colocação em posições pós-verbais.

Ao identificar a ordem não-marcada do circunstancial, a autora indica que os circunstanciadores possuem uma função determinada no discurso, que não seria apenas de ligação entre os discursos. Essa função poderia ser:

- 1) Retomada anafórica: quando a locução retoma informações apresentadas anteriormente no discurso, atuando de forma importante para a coesão textual;
- 2) Especificação de predicação: quando a locução apenas situa num determinado tempo o evento, atuando apenas como circunstanciador;
- 3) Segmentação tópica: quando a locução está presente em uma transição entre tópicos do discurso, anunciando o início de um novo assunto;
- 4) Mudança de plano discursivo: estabelece o início de uma nova unidade discursiva, ocorrendo uma descontinuidade da temática do evento e sendo uma espécie de fronteira para o ouvinte;
- 5) Demarcação de pontos: acontece frequentemente nos textos narrativos nos quais os circunstanciais estão extremamente relacionados à linha do tempo, marcando pontos ou períodos de tempo em que a ação ocorre;
- 6) Focalização: quando o circunstancial introduz uma informação em forma de tópico, ou seja, que deva ser destacada;
- 7) Contraste: quando o circunstancial estabelece uma oposição entre duas informações, a mencionada anteriormente e a nova.

A partir de uma análise da posição desses circunstanciais e sua função discursiva, alguns padrões podem ser apreendidos. No que se refere aos sintagmas preposicionais, a margem esquerda (não-marcada) é a preferência, nas duas modalidades estudadas, por aqueles circunstanciais que possuem papel anafórico, pelos que marcam a descontinuidade discursiva e pelos que indicam um contraste. Aqueles que indicam uma mudança de plano discursivo aparecem em grande quantidade na língua falada e ocupam a margem esquerda da oração; na escrita, apenas dois casos de contraste foram observados e eles se dispuseram na ME e na PM2.

As funções discursivas que apresentaram diferentes tendências na fala e na escrita foram às especificações de predicação, as que focalizam eventos e as que demarcam pontos de uma sequência. Naquela, pode-se observar uma oscilação entre as posições pospostas, sendo que na fala houve uma tendência maior ao posicionamento na margem e, na escrita, a preferência foi pela PM2. Os sintagmas preposicionais que indicam focalização mostraram uma predominância nas posições pós-verbais, sendo os dois casos encontrados apenas na escrita: um caso entre o verbo e o objeto e outro na margem da oração. Já no caso dos Spreps temporais que demarcam pontos diferentes do discurso, observou-se a tendência geral na modalidade oral de circunstanciais aparecerem na posição inicial, já na escrita apresentaram uma maior flexibilidade já que se ordenaram tanto na margem esquerda quanto na PM2.

Os trabalhos de Paiva e de Brasil foram de grande importância para essa pesquisa, pois, embora as autoras trabalhem com advérbios e sintagmas preposicionais temporais e locativos, tratam de questões relevantes acerca da ordem não-marcada da locução adverbial temporal e de fatores analisados nessa pesquisa, como a função discursiva, o tamanho da

locução (neste caso só Brasil) e até mesmo a questão dos gêneros e de questões referentes ao princípio da iconicidade.

Ilogti de Sá (2006)<sup>8</sup> faz um estudo acerca das locuções temporais e aspectuais na escrita religiosa, analisando fatores que pudessem motivar a ordenação das locuções no discurso, verificando a ordem da locução, seu papel semântico, o tipo de sujeito e de complemento da oração e ainda a transitividade da oração (segundo Hopper & Thompson, 1980, e Thompson & Hopper, 2001).

Obtém um total de 174 dados, dentre os quais 63,8% se apresentavam em posição pré-verbal. Ainda com relação ao posicionamento da locução, observa-se uma tendência as posições marginais da cláusula, visto que apenas 27 locuções se colocaram entre o verbo e seus argumentos.

Através de uma classificação semântica das locuções baseada em Ilari e Martelotta, a autora percebeu uma predominância das locuções localizadoras no *corpus*, totalizando mais de 50% das locuções. Após um cruzamento entre esses dois primeiros fatores (o papel semântico dessas locuções e sua posição), conclui que as locuções com valor durativo têm tendência contrária às demais, aparecendo em maior quantidade na posição pós-verbal. A autora testa a hipótese de que a locução adverbial ocuparia a posição vazia deixada por algum argumento do verbo, sendo esta comprovada por ela, já que o advérbio se posicionou exatamente nos lugares do sujeito e do complemento, quando estes não estavam em suas posições prototípicas.

---

<sup>8</sup> Trabalho realizado na Iniciação Científica, relacionado a um projeto maior da orientadora, Professora Maria Maura Cezario.

A autora investiga a questão da transitividade da oração e a ordenação da locução adverbial temporal. A hipótese, de acordo com Cezario (2004), seria a de que essas locuções não ocorreriam inseridas entre o sujeito e o verbo ou entre o verbo e o complemento em orações com alta transitividade. Para esta análise, utilizou apenas alguns dos parâmetros propostos por Hopper e Thompson, foram eles: número de participantes, cinese, aspecto perfectivo do verbo, modalidade da oração, afetamento do objeto e agentividade do sujeito.

Dessa forma, Ilogti analisou todas as 174 locuções do *corpus*, a partir dos traços propostos acima, considerando (+) para os traços de alta transitividade e (-) para aqueles de baixa transitividade. Ao somar os traços positivos, considerou os graus de transitividade 0, 1, 2, 3, 4, 5 e 6, como nos exemplos retirados da mesma pesquisa:

“**Dessa vez** não iria apelar para os seus direitos”

[-] participantes, [-] cinese, [-] aspecto do verbo, [-] modalidade da oração, [-] afetamento do objeto, [-] agentividade do sujeito → nenhum traço na escala de transitividade

“**A seguir** levantou o soldado pela roupa”

[+] participantes, [+] cinese, [+] aspecto do verbo, [+] modalidade da oração, [+] afetamento do objeto, [+] agentividade do sujeito → 6 traços na escala de transitividade

Assim, ao verificar a transitividade da oração e o posicionamento da locução, a autora observa que, nas orações com transitividade alta – grau 5 e 6, as locuções não tenderam a aparecer inseridas entre o verbo e seus argumentos. A partir dos resultados, observou ainda que todas as locuções que apareceram inseridas entre o verbo e seus argumentos possuíam baixo grau de transitividade entre seus elementos. A autora encerra então sua pesquisa afirmando que quanto maior a ligação entre o sujeito e o verbo ou entre o verbo e seus complementos menor a probabilidade das locuções se inserirem entre eles.

Essa pesquisa serviu como ponto de partida para a presente dissertação. Nela foram observados fatores semânticos, sintáticos e discursivos que pudessem motivar o posicionamento das locuções adverbiais temporais no discurso religioso. A partir de alguns resultados já obtidos e de algumas hipóteses já comprovadas, buscamos aprimorar a análise dos mesmos circunstanciais agora num novo discurso – o jornalístico.

### 3. METODOLOGIA E *CORPUS*

Com o objetivo de analisar o comportamento sintático-semântico das locuções adverbiais de tempo e aspecto no português contemporâneo escrito, montamos um *corpus* de 120 textos jornalísticos publicados no período compreendido entre julho de 2006 e agosto de 2007. Seleccionamos os seguintes gêneros textuais: notícias da atualidade, editoriais e notícias de esporte dos jornais *O Globo* e da *Folha de São Paulo* e ainda da revista *Época*, como pode ser visto no quadro 2.

**Quadro 2 – *Corpus* analisado (quantidade de textos)**

	<b>Revista Época</b>	<b>Folha de São Paulo</b>	<b>O Globo</b>	<b>Total</b>
<b>Editoriais</b>	15	15	15	<b>45</b>
<b>Notícias de mundo</b>	15	15	15	<b>45</b>
<b>Notícias de esporte</b>	--	15	15	<b>30</b>
<b>Total</b>	30	45	45	<b>120</b>

Vale ressaltar que os textos analisados foram suas versões impressas, de circulação nacional, com exceção dos textos do jornal *O Globo* que foram analisados a partir de sua versão on-line, como especificado na seção 3.1, possuindo, assim, um caráter mais informal e com a informação mais condensada.

Após estudarmos com profundidade o tema “gêneros” (cf. seção 1.2 acima), percebemos que a classificação dos textos (dada pelos veículos de comunicação) que serviram como *corpus* não estava adequada. Dessa forma, fizemos uma nova classificação,

com base na literatura lingüística estudada, conforme mostraremos na seção 3.1 e mantivemos a mesma quantidade de textos: 120 textos jornalísticos.

Como já mencionado anteriormente, foram coletadas e analisadas qualitativa e quantitativamente todas as locuções adverbiais temporais e aspectuais do português encontradas nos diferentes gêneros textuais que fazem parte do nosso *corpus*. Foram encontrados **577** dados de locuções adverbiais de tempo e aspecto nos textos jornalísticos analisados. Nesse conjunto de dados, estão apenas aquelas locuções que tinham pleno valor semântico de tempo e/ou aspecto, excluindo, assim, aquelas com alguma noção de lugar ou que possam ser confundidas com modo ou intensidade. Não foram coletados casos como os que expressavam:

- ✓ Tempo + intensidade – *Sem dinheiro, o time do Brasileiro foi armado às pressas, com a competição em andamento.* (notícias de esporte, *Folha de São Paulo*, 05/10/2007)
  
- ✓ Tempo + lugar – *"Este homem tem opiniões comunistas bem enraizadas", diz um relatório de 20 de janeiro de 1942. "Ele se veste à maneira boêmia, tanto no escritório quanto nas horas de lazer."* (notícias do mundo, *Folha de São Paulo*, 05/10/2007)

Foram descartadas ainda aquelas locuções que não pertenciam a orações desenvolvidas, como as reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio e as cláusulas passivas, pois estas necessitariam de uma análise mais detalhada e em separado. Veja os exemplos:

- ✓ **Reduzida de infinitivo:** *Correm soltas as especulações de que Rowling, que se tornou bilionária com o sucesso dos livros e filmes de Harry Potter, pode fazer Harry morrer no final do sétimo livro. (O Globo, editorial, 01/02/2007)*
  
- ✓ **Reduzida de participio:** *segundo um estudo citado em artigo na edição **deste mês** da revista "Archives of General Psychiatry". (Folha de São Paulo, notícias de mundo, 05/07/2007)*
  
- ✓ **Reduzida de gerúndio:** *Além disso, o jornal ganhou um "editor de inovação", responsável por "nada menos que fazer a redação trabalhar 24 horas por dia, publicando material exclusivo **o tempo todo** através da internet", segundo o editor David Hiller. (O Globo, editoriais, 01/02/2007)*
  
- ✓ **Passiva:** *Ambos os projetos foram desenvolvidos pelo editor-executivo João Gabriel de Lima **num período de estudos** na Universidade Stanford, na Califórnia, líder na área de tecnologias inovadoras. (Época, editoriais, 23/10/2006)*

Observamos a posição das locuções na cláusula, seu papel semântico e verificamos quais as influências sofridas para tal ordenação.

Foi utilizada a metodologia variacionista apenas para nos auxiliar na coleta e codificação dos dados, pois queremos identificar as motivações sofridas pelas locuções nas suas diferentes ordenações. Não consideramos as diferentes posições das locuções, na cláusula, como uma variação. Para nós, cada posição assumida por esse adverbial deve ter uma função diferente no discurso, que buscamos identificar.

O programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences ), ou seja, um pacote científico desenvolvido para as ciências sociais, foi utilizado como ferramenta para nos

auxiliar no processo de contagem e cruzamento de fatores, mas análise predominante foi qualitativa, pois se desenvolve ora focando os exemplos, ora os resultados estatísticos; se for necessário, fazem-se comentários de vários fatores ao mesmo tempo na análise de um exemplo.

As locuções foram analisadas a partir dos seguintes fatores<sup>9</sup>, que serão apresentados detalhadamente no capítulo seguinte<sup>10</sup>:

**1- Ordem da locução em relação ao verbo:** verificamos a posição da locução, se na margem direita, margem esquerda, entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e o objeto, dentre outras posições apresentadas e exemplificadas no capítulo seguinte.

**2- Papel semântico da locução, com base em Martelotta (1994) e Ilari (2001):** verificamos se a locução expressa valor dêitico, durativo, reiterativo, delimitativo e simultâneo.

**3- Gêneros Textuais:** trabalhamos com os gêneros textuais em diferentes suportes.

**4- Plano Discursivo, com base em Brasil (2005) e Paiva (2007):** verificamos a função da locução no discurso como anafórica, introdutora de subtópico, dentre outras.

**5- Tamanho da locução:** verificamos se a locução era pequena, média ou grande.

**6- Transitividade da oração, com base em Thompson & Hopper, Hopper & Thompson e Cezario (2004):** testamos os fatores da transitividade, como número de participantes, cineses do verbo, dentre outros.

---

<sup>9</sup> Não tivemos a preocupação de estabelecer variável dependente e independente. O ponto de partida foi a posição da locução, mas várias análises foram feitas sem necessariamente termos as posições pré-estabelecidas para a análise na rodada computacional. Em alguns momentos, juntamos algumas ordenações em posição pré e pós-verbal (cf. gráfico 1), em outros, focamos a análise em uma ou outra posição, como na análise da transitividade (cf. seção 6)

<sup>10</sup> Optamos por explicar e exemplificar os fatores no capítulo da análise, pois consideramos como parte da análise o modo de trabalharmos os fatores assim como a exemplificação.

As hipóteses relativas a cada fator serão apresentadas no próximo capítulo. Assim pretendemos com esses fatores fazer uma análise das posições das locuções temporais ou aspectuais sob a ótica do funcionalismo norte-americano, que procura motivações para o modo de ser da estrutura linguística, partindo do pressuposto de que a estrutura reflete objetivos comunicativos.

### **3.1- Corpus**

Inicialmente, coletamos o *corpus* dessa dissertação com base na nomenclatura tradicional dada aos textos pelos veículos que os disponibilizam. Assim, tínhamos textos de diferentes gêneros, como os editoriais e as notícias de esportes e de mundo/atualidades, de um jornal impresso (*Folha de São Paulo*), um jornal on-line (*O Globo*) e uma revista (*Época*). Entretanto, tomando como base os preceitos já descritos anteriormente, com base em Marcushi (2005) e Bakhtin (1985), interpretamos que cada um dos gêneros textuais possuía uma diversidade tipológica, além de poderem apresentar uma intertextualidade entre os gêneros. Com base em uma análise proposta por Costa Nunes (2009), verificamos cada um dos textos que compunham o nosso *corpus*, a fim de melhor organizá-lo a partir de suas características predominantes e sabermos se essas motivariam de alguma forma a ordenação das locuções adverbiais temporais e aspectuais.

As notícias deveriam ter um caráter objetivo, focado no fato, sem interferências do emissor, breves e responderiam a perguntas básicas sobre o evento, como onde ocorreu, quando, por que, etc. De acordo com essas características tradicionais de uma notícia,

pudemos enquadrar apenas aqueles textos publicados na versão on-line do *O Globo*, onde observamos que os fatos são descritos de forma cronológica, sem interrupções e de maneira concisa, como no exemplo:

(20) *O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) pediu hoje o fim da mutilação genital feminina, prática muito comum na África Subsaariana e em parte do Oriente Médio.*

*Por ocasião do Dia Mundial contra a Mutilação Feminina, o Unicef lembrou que os países-membros da ONU se comprometeram, **em uma sessão especial em 2002**, a acabar com a prática.*

*Cerca de três milhões de meninas sofrem anualmente a mutilação do clitóris ou de outros órgãos sexuais, de acordo com a agência da ONU (O Globo, notícias de atualidades, 06/02/2007)*

Ainda sobre os textos publicados no *O Globo* on-line, vimos que os editoriais não possuíam as características de organização e de apresentação referentes a esse gênero jornalístico. Nesse caso, os editoriais tinham um caráter muito mais objetivo e informativo, se aproximando mais das notícias.

Entende-se por editorial o texto de um jornal em que o conteúdo expressa a opinião da empresa, da direção ou da equipe de redação e utilizando uma linguagem mais subjetiva. Geralmente, grandes jornais reservam um espaço predeterminado para os editoriais em duas ou mais colunas, logo nas primeiras páginas internas, onde são tratados temas polêmicos da atualidade e não são assinados por ninguém em particular. Com essas particularidades, vemos os editoriais da *Folha de São Paulo*, observe o extrato:

(21) *UM JULGAMENTO histórico. Oxalá seja esse o termo apropriado para designar a sessão que começa hoje no Supremo Tribunal Federal. Dois anos, dois meses e 17 dias após deflagrado o escândalo, dez ministros vão decidir se aceitam a principal denúncia ligada ao mensalão.*

*É frustrante constatar que não haverá sentença sobre os desmandos que abalaram o governo Lula tão cedo. (Folha de São Paulo, editorial, 22/08/2007)*

No exemplo acima, podemos identificar interferências e opiniões sobre o assunto abordado, porém o emissor dificilmente é visualizado. A opinião de um veículo, entretanto, não é expressa exclusivamente nos editoriais, mas também na forma como organiza os assuntos publicados, pela qualidade e quantidade que atribui a cada um e em alguns casos as próprias matérias ou as notícias são imbuídas de uma carga opinativa forte, mas não chegam a ser separadas como editoriais.

Entretanto, tais características não puderam ser verificadas nos editoriais da revista *Época*. Neles, observa-se uma espécie de apresentação da edição da revista, onde o editor explica como ela será desenvolvida, ou em alguns casos, mostra como uma reportagem de destaque na edição foi realizada. Esses editoriais são assinados pelo editor-chefe da revista e possuem características bem divergentes das apresentadas nos demais gêneros que compõem nosso *corpus*, como se observa no trecho abaixo:

(22) *Nesta edição, Gustavo, seu pai coordenou a publicação da melhor pesquisa do mundo sobre trabalho. Essa pesquisa inédita mostra quais são as 100 melhores empresas para trabalhar no Brasil. Ela foi elaborada pelo Great Place to Work Institute, presente em 29 países. Os questionários foram respondidos por mais de 250 mil funcionários das empresas brasileiras. Quem inventou essa pesquisa, há*

*dez anos, foi um americano chamado Robert Levering. Seu pai pediu, e ele escreveu um artigo especial para nós sobre o assunto. O Levering e a pesquisa são tão respeitados que o Great Place to Work só se associa às melhores publicações do mundo, como a revista Fortune, nos Estados Unidos, ou o jornal Financial Times, na Inglaterra. (Época, editorial, 21/08/2006)*

Por último, encontramos ainda alguns textos que se caracterizavam diferentemente das notícias e dos editoriais. São estes os artigos, gêneros ainda não rotulados pelos jornais. Os artigos equivalem às notícias da *Folha de São* e da revista *Época* e mostram uma apresentação dos fatos a partir de comentários, digressões, análises e até mesmo críticas.

Como observado, nem todos os textos inseridos em um mesmo gênero pelo veículo que o disponibiliza possuem as mesmas características. Para uma análise do comportamento das locuções nesses textos, procuramos então fazer uma reorganização dos mesmos, a partir das características acima descritas comuns a cada texto que compunha nosso *corpus*. Nossa reanálise ficou da seguinte forma:

1º) Editorial: compreende os 15 editoriais da *Época*. Apresenta as principais matérias publicadas naquela edição, como elas foram realizadas, de que forma serão apresentadas, como foi feito o trabalho do repórter. É uma espécie de diálogo com o leitor e por isso possui uma linguagem mais informal. É assinada pelo editor-chefe e não possui correspondência com nenhum outro gênero presente no *corpus*; por essa razão mantivemos a nomenclatura estabelecida pelo veículo de divulgação.

Exemplo de editorial:

(23) *Para saber o que o Brasil pode aprender com a Índia, aceitamos um convite do governo indiano para conhecer o país. O jornalista José Fucs, um especialista em economia e finanças, passou **duas semanas** por lá e fez uma comparação entre Brasil e Índia. O resultado você lê na página 38. ÉPOCA orgulha-se de ter sido pioneira ao destacar a relevância do exemplo indiano para o Brasil, em reportagem publicada na edição 405, **em fevereiro deste ano**. Também fomos pioneiros ao enfatizar, na capa da edição 407, publicada **em março**, a urgência necessária para montar uma agenda baseada não apenas na estabilidade, mas sobretudo no crescimento econômico. Ambos os temas foram depois incorporados à cena política brasileira. Só uma revista preocupada com a essência das questões, e não com o ruído gerado pela política pequena, tem a presença de espírito necessária para captar com antecedência aquilo que realmente importa. (Época, editoriais, 23/10/2006)*

2º) Artigo: foram reunidas as notícias de mundo/atualidades da revista *Época* e da *Folha de São Paulo*, com as notícias de esporte da última e seus editoriais, totalizando 60 textos jornalísticos. Apresentação e desenvolvimento de um fato, apoiando-se em opiniões, comentários e críticas, o que torna o tempo da narrativa menos cronológico.

Exemplo de artigo:

(24) *Se o Brasil é considerado favorito a uma das vagas olímpicas, ninguém esconde quem deve ser o campeão: os EUA. Em casa, a equipe joga o Pré-Olímpico disposta a resgatar seu prestígio internacional. Mesmo com astros da NBA, o time não ganha nada significativo desde a Olimpíada de Sydney-00. **Na sequência**, naufragou no Mundial de Indianápolis-02 -foi sexto,*

em sua pior participação *na história*. (Folha de São Paulo, notícias de esporte, 22/08/2007)

3º) Notícias: todos os 45 textos coletados do jornal *O Globo* on-line, juntando as notícias de atualidade/mundo e de esporte com os editoriais. Nelas, verificamos a apresentação dos fatos de forma cronológica, com um caráter mais objetivo, ou seja, sem interferências do emissor e normalmente são textos mais curtos que os artigos.

Exemplo de notícia:

(25) *De la Rosa fez uma melhor marca de 1min20s001, confirmando o bom momento da McLaren nesta pré-temporada. O austríaco Alex Wurz, da Williams, acabou como o segundo (1min20s036), seguido do polonês Robert Kubica, da BMW-Sauber (1min20s159).*

*Entre os brasileiros, Nelsinho Piquet e Ricardo Zonta, pilotos de teste da Renault, terminaram com os 13º e 14º melhores tempos do dia, com 1min21s264 e 1min21s392, respectivamente. (O Globo, notícias de esporte, 06/02/2007)*

Para uma melhor observação, o quadro 3 mostra a quantidade de textos de cada um dos gêneros no nosso *corpus*, após a re-análise, mantendo-se os 120 textos coletados.

### Quadro 3 – *Corpus* reanalisado

	Classificação original (dos veículos)	Total de Textos
Editoriais	Editoriais da <i>Época</i>	15
Artigos	Notícias da <i>Época</i> Notícias e Editoriais da <i>Folha de São Paulo</i>	60
Notícias	Editoriais e Notícias do jornal <i>O Globo on line</i>	45

Dessa forma, analisamos e codificamos os dados a partir desses três gêneros para verificarmos se as características de cada um influenciariam a posição da locução. Esperávamos que as locuções ocupassem sua posição prototípica (margem direita) nas notícias por apresentarem um tempo menos marcado e previsto pelo leitor (já que esperamos encontrar nas notícias fatos que ocorreram hoje, ou nos últimos dias). Nos textos tidos como editoriais no nosso *corpus*, o tempo é um fator relevante para a apresentação da edição da revista e pressupúnhamos que as locuções apareceriam topicalizadas. Já nos artigos, por terem uma maior interferência do emissor, dando opiniões e fazendo comentários, acreditávamos que a noção temporal poderia ser utilizada como um ponto fundamental na argumentação, deslocando-se assim para a margem esquerda da cláusula.

## 4. ANÁLISE DOS DADOS

Como já mencionado anteriormente, foram coletados e analisados 120 textos jornalísticos de jornais e revistas de grande circulação como *O Globo*, a *Folha de São Paulo* e a *Época*. Encontramos **577** dados com locução adverbial de tempo e/ou aspecto, válidos para a análise dos fatores já apresentados. A seguir, procuraremos identificar a influência de cada fator na ordenação das locuções adverbiais, determinar sua ordem não-marcada e compreender em quais contextos elas não procuram a posição mais marcada da sentença.

### 4.1- Ordem da locução em relação ao verbo

Analisamos todos os dados segundo a sua posição na oração. Estabelecemos as seguintes possibilidades:

➤ Margem Esquerda da oração (ME)

(4) *Na quinta-feira passada, o segundo maior grupo mundial do setor, o Rio Tinto, divulgou também seus recordes, com lucro líquido de US\$ 7,4 bilhões* (notícias do mundo *O Globo* 07/02/2007)

➤ Margem Direita da oração (MD)

(5) O “Ha'aretz” estampou em suas manchetes “Um príncipe que acabou se transformando em sapo”, em uma referência à reputação acima de qualquer suspeita de Katsav até a revelação das acusações **em julho**. (editorial, *O Globo* 24/01/2007)

➤ Entre o sujeito e o verbo (SAdvV)<sup>11</sup>

(6) As filas de autógrafos nos lançamentos de seu livro *The Audacity of Hope* (*A Audácia de Ter Esperança*), **no fim do ano passado**, duravam horas. (notícias do mundo, *Época* 22/01/2007)

➤ Entre o verbo e o seu complemento (VAdvC)<sup>12</sup>

(7) *Índia* pediu na quarta-feira à Grã-Bretanha que verifique se as leis raciais foram violadas (editorial, *O Globo* 19/01/2007)

➤ Entre o verbo e o sujeito em posição pós-verbal (V(X)AdvS)

(8) Finalmente, veio a público **nesta semana** o resultado da perícia da PF (editorial, *Folha de São Paulo* 24/08/2007)

➤ Pré-verbal não-inicial fora da margem (XAdv(S)V)

(9) E neste ano, pela primeira vez, as importações estão crescendo mais que as exportações para os EUA. (*Época*, notícias do mundo, 22/01/2007)

---

<sup>11</sup> Estamos utilizando a sigla Adv para locução adverbial.

<sup>12</sup> Nesta parte da pesquisa consideraremos C qualquer tipo de complemento, são eles: objeto, complemento circunstancial e predicativo.

➤ Pós-verbal não-final após o complemento (VCAdvX)

(10) *Thiago fechou um contrato **por três anos** com o clube, e viaja nesta quarta-feira para se apresentar ao novo time. (notícias de esportes, *O Globo* 06/02/2007)*

➤ Entre o verbo auxiliar e o verbo principal (AuxAdvV)

(11) *Fiquei dez anos pagando multa de Imposto de Renda porque não sabia declarar. (notícias de esportes, *Folha de São Paulo* 22/08/2007)*

Cabe ressaltar aqui que consideramos como X qualquer elemento que não permita que a locução adverbial temporal em estudo finalize ou inicie a oração, podendo ser até mesmo um outro advérbio ou locução adverbial de outra natureza semântica, veja o exemplo

(12) *Como os salários são baixos, profissionais dão-se ao direito, **muitas vezes** com a conviência de chefias, de fazer arranjos heterodoxos (*Folha de São Paulo*, editorial, 28/08/2007)*

No exemplo 12, vemos que a oração é finalizada por outros elementos – *com a conviência de chefias, de fazer arranjos heterodoxos*. Nesse caso, o sintagma é considerado X e a locução adverbial está posicionada antes dele.

Ainda sobre o X, não consideramos a conjunção colocada antes do sujeito como X quando a locução vier logo em sequência, observe:

(13) Em editorial intitulado "Homem rico, homem pobre", a publicação aponta que, desde 2001, o trabalhador americano médio teve que se conformar com um crescimento dos salários reais inferior à metade do aumento da produtividade. (O Globo, editorial, 19/01/2007)

No exemplo acima, vemos que a locução adverbial vem colocada logo após a conjunção integrante *que*. Nesses casos, a locução não teria a possibilidade de vir anteposta a essa conjunção. Assim, consideramos, nesses casos, que a locução está ocupando a margem esquerda da cláusula.

A tabela a seguir mostra a quantidade de dados de cada uma das posições observadas.

TABELA (1): Posição da Locução

Ordem	nº	%
ME	187	32,4
MD	211	36,6
SadvV	20	3,5
VadvC	54	9,4
VadvS	2	0,3
Xadv(X)V	17	2,9
V(C)AdvX	83	14,4
VadvV	3	0,5
<b>Total</b>	<b>577</b>	<b>100</b>

Podemos observar que um grande número de locuções apresentou-se às margens das cláusulas, ou seja, iniciando ou finalizando as orações (187 na margem esquerda e 211 na

margem direita, totalizando 398 dados de um total de 577). Poucos dados foram vistos entre o verbo e os argumentos: apenas 22 locuções entre o sujeito e o verbo e apenas 54 entre o verbo e o complemento.

A partir dessa primeira tabela, já podemos ver a tendência de as locuções ao posicionamento nas margens da cláusula. Vemos ainda que as locuções adverbiais temporais não possuem uma rigidez quanto a sua ordem marcada ou não-marcada, visto que 36,6% das locuções aparecem na MD (211 dados) e 32,4% ordenam-se na ME (187 dados). Esse resultado é muito semelhante ao encontrado por Brasil (2005). Observemos o exemplo de locução em margem direita.

(14) *O alemão venceu a Fórmula 3 Japonesa **na temporada passada** e perdeu o título do certame europeu, em 2005, para o inglês Lewis Hamilton, que vai correr na McLaren.* (O Globo, notícias de esporte, 05/02/2007)

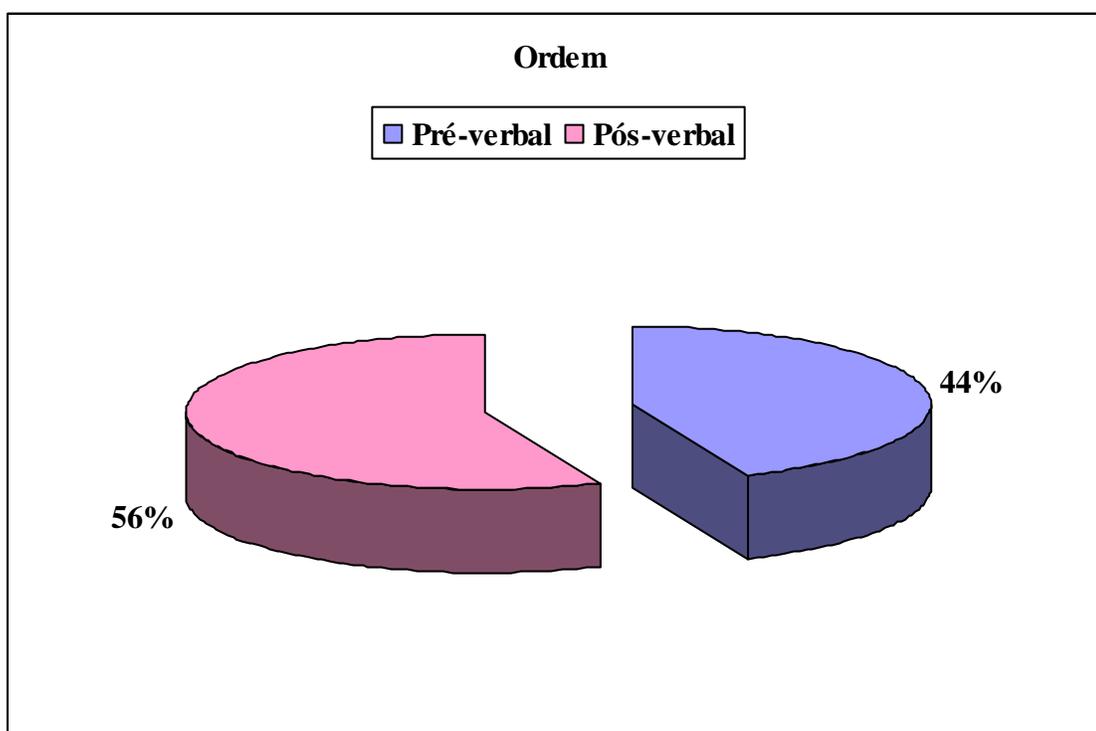
No exemplo acima, a locução adverbial *na temporada passada* está finalizando a cláusula. Vale mencionar que consideramos aqui como margem direita aquelas locuções que encerravam a oração e não necessariamente o período.

A locução faz parte de uma oração em que o verbo ‘venceu’ indica uma ação, tendo uma relação de proximidade maior entre os seus argumentos, já que está numa oração com uma alta transitividade. Ao associarmos a posição da locução com o Subprincípio Icônico da Integração, vemos que esse seria um dos fatores que explicaria a grande incidência de locuções nas margens da oração. A partir desse subprincípio, sabemos que, quanto maior a integração entre os constituintes da frase, menor a possibilidade de eles apresentarem-se distantes linguisticamente. Assim, se o grau de integração entre o verbo e seus argumentos

for grande, maior a tendência da locução (elemento cognitivamente mais distante do verbo que seus argumentos) posicionar-se afastada

Ao observarmos a tabela inicial, vemos a margem esquerda ocupada por grande parte dos dados (32,4%) e percebemos, então, uma diferença muito pequena no que diz respeito à diferença entre as duas margens. No entanto, ao verificarmos a quantidade de dados em posição pré-verbal e pós-verbal, verificamos um aumento não muito significativo de dados posicionados posteriormente ao verbo como no gráfico<sup>13</sup> abaixo:

Gráfico (1): Ordem da locução



<sup>13</sup> Consideramos as posições MD, Vadv, VadvS e V(C)AdvX como pós-verbais e as posições ME, SadvV, Xadv(X)V e VadvVpredicador como pré-verbais para a apresentação do gráfico.

Ordenando-se após o verbo temos 326 locuções, ou seja, 56% dos circunstanciais temporais analisados; já em posição pré-verbal, encontramos 251 locuções, ou seja, 44% dos dados.

Desse modo, embora os resultados dos nossos dados não tenham indicado uma forte tendência de ordenação, podemos afirmar que as posições prototípicas para as locuções são as margens, visto que elas não quebrariam o equilíbrio sintático. Com base em alguns estudos anteriores (cf. Seção 1.2) e no gráfico 1, vemos que as locuções tenderiam a posição pós-verbal como predominante, sendo esta a mais prevista.

A seguir apresentamos uma análise mais detalhada para tentarmos explicar o uso de diferentes posições para as locuções.

#### **4.2 – Papel Semântico da Locução na oração**

Baseando-nos no trabalho de Ilari (2001) e Martelotta (1994), classificamos as locuções em cinco tipos semânticos para verificar se há alguma relação entre o tipo de locução e a posição da mesma na oração. As locuções foram classificadas da seguinte forma:

- Locução Durativa: expressa uma ação que dura no tempo.

(15) *Durante o trimestre, mais 29 mil pessoas assinaram o serviço básico de televisão a cabo* (editorial, *O Globo* 31/01/2007)

No exemplo acima, a locução expressa a duração do tempo em que houve um grande número de assinaturas de televisão a cabo. Como poderemos ver na tabela (2) a seguir, essa não foi uma locução muito frequente nos textos analisados, totalizando apenas

12,7% do total de dados. Nossa hipótese inicial seria a de que essa locução, por possuir um valor mais aspectual, tenderia a aparecer nas posições pós-verbais.

- Locução Reiterativa: expressa uma ação que se repete ao longo do tempo.

(16) *Artista entrou no "Livro dos Recordes" ao dançar 145 dias seguidos* (notícias do mundo, *O Globo* 07/02/2007)

No exemplo (16), vemos que a locução *145 dias seguidos* indica que a ação efetuada pelo artista foi realizada repetidas vezes durante um período de tempo de 145 dias. Essa locução também se mostrou pouco produtiva no *corpus* analisado, aparecendo apenas 36 vezes, e a expectativa inicial era de que ela ocupasse as posições mais próxima ao verbo.

- Locução Dêitica: é aquela que localiza um ponto no tempo, dêitica.

(17) *Em outubro de 2002, Berlusconi cometeu uma gafe com Cacciari, o colega dinamarquês Anders Rasmussen e Veronica.* (*O Globo*, editorial, 01/02/2007)

Essa locução determina o momento exato do evento descrito no discurso, é a locução dêitica, que indica um ponto no tempo. No exemplo, a locução, *em outubro de 2002*, mostra a data precisa em que Berlusconi cometeu a gafe. As locuções com valores dêiticos foram as mais produtivas no *corpus* analisado, totalizando 355 dados de um total de 577 locuções, ou seja, 61,5% das ocorrências eram de circunstanciais que determinavam um momento específico do evento descrito.

Inicialmente, nossa hipótese era de que essas locuções se mostrariam mais produtivas nas margens esquerdas, visto que poderiam localizar a ação logo no início do período, principalmente nos casos das notícias, em que a informação é dada de maneira mais rápida e direta.

- Locução Simultânea: é aquela que mostra duas ações ocorrendo ao mesmo momento.

(18) *Ao mesmo tempo em que fecha acordo para Flamengo e Fluminense jogarem no Maracanã até dezembro, o governo do Rio prepara licitações para publicidade, venda de alimentos e aluguel de camarotes. O contrato evita que a concorrência do Engenhão espante interessados. (Folha de São Paulo, notícias de esporte, 05/07/27)*

As locuções que expressam simultaneidade seriam as locuções que teriam uma posição mais fixa na cláusula, ordenando-se preferencialmente na margem esquerda, pois possuem um papel coesivo importante, ligando os dois eventos. No exemplo acima, a locução *ao mesmo tempo* indica que o governo do Rio realiza duas ações simultaneamente, a de preparar licitações para publicidade e de fechar o acordo para que Flamengo e Fluminense joguem no Maracanã. Neste exemplo, a locução simultânea inicia o parágrafo a que pertence e relaciona as duas ações posteriores a ela.

No *corpus* utilizado, poucos foram os casos de locuções simultâneas, apenas 4 do total. Talvez, esse número reduzido se dê ao fato de estarmos tratando de textos jornalísticos e a simultaneidade das ações ocorra em maior quantidade em outros gêneros textuais.

- Locução Delimitativa: é a locução que delimita o tempo da ação, seja no início, no meio ou no fim.

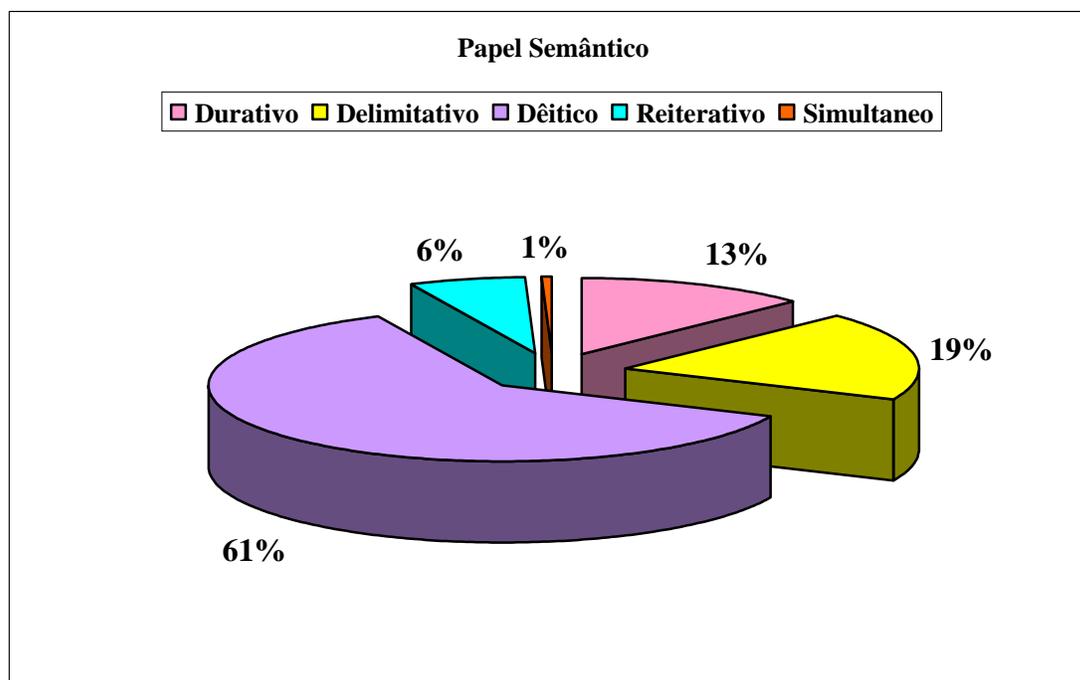
(19) *Trata-se de nossa primeira edição especial dedicada não apenas a contar histórias, mas à História, com H maiúsculo. **Daqui para a frente**, todo ano, perto do dia 7 de setembro, passaremos a celebrar nossa História nas páginas de ÉPOCA (Época, editoriais, 11/09/2006)*

Esse tipo de locução delimitaria o período da ação em algum momento, por vezes até mesmo indica que este evento ocorreu por várias vezes no mesmo período limitado. No exemplo acima, o editor-chefe indica que, a partir deste ano, em todas as edições da revista haverá uma homenagem a História.

Nossa hipótese é a de que as locuções delimitativas tendem a apresentar-se na margem esquerda da oração, pois fazem um papel contrastivo em relação ao discurso anterior, como veremos na seção 4.4. No *corpus* analisado, essa locução foi a segunda mais produtiva, totalizando 18,9% dos dados.

Abaixo a distribuição dos resultados das locuções em relação ao seu papel semântico.

Gráfico (2): Papel Semântico da Locução



A partir desse gráfico, podemos observar que grande parte das locuções presentes no *corpus* analisado possui um valor dêítico, localizador, com 61% dos dados, seguidos pelas ocorrências das locuções delimitativas, com 19% dos dados. Os demais três papéis semânticos assumidos pelas locuções foram menos produtivos: o aspecto durativo foi observado em 13% do total; já o aspecto reiterativo apresentou-se em apenas 6% do total de dados. Por último o aspecto simultâneo apareceu em apenas 4 dados, totalizando somente 1% do total.

Fizemos o cruzamento entre o papel semântico dessas locuções e a posição que elas adquiriam na cláusula, para verificarmos as tendências de posicionamento de cada uma.

TABELA (2): Papel Semântico x Ordem

		ME	MD	(S)AdvV	VadvC	VadvS	Xadv(X)V	V(C)AdvX	VadvV	Total
<b>Dêíticas</b>	<b>n°</b>	118	121	11	41	1	9	53	1	355
	<b>%</b>	33,2	34,1	3,1	11,5	0,3	2,5	14,9	0,3	100
<b>Delimitativo</b>	<b>n°</b>	37	43	6	4	0	4	16	0	110
	<b>%</b>	33,6	39,1	5,5	3,6	0,0	3,6	14,5	0,0	100
<b>Durativo</b>	<b>n°</b>	22	32	2	6	1	1	8	1	73
	<b>%</b>	30,1	43,8	2,7	8,2	1,4	1,4	11,0	1,4	100
<b>Reiterativo</b>	<b>n°</b>	7	14	2	3	0	3	6	1	36
	<b>%</b>	19,4	38,9	5,6	8,3	0,0	8,3	16,7	2,8	100
<b>Simultâneo</b>	<b>n°</b>	3	1	0	0	0	0	0	0	4
	<b>%</b>	75,0	25,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100

Ao contrário da hipótese inicial de que as locuções dêíticas deveriam aparecer predominantemente na margem esquerda da oração, as locuções com esse valor seguiram a tendência geral das locuções no *corpus* e mantiveram a grande variabilidade entre as margens direita e esquerda da oração. A diferença encontrada entre as duas margens não foi

significativa em termos numéricos: apenas 4 dados separaram a margem direita da esquerda (118 ME e 121 MD).

Ainda com pouca diferença de dados foi o resultado encontrado para as locuções delimitativas. Ao contrário do previsto, a margem direita foi ocupada em 39,1% dos casos. No entanto, a margem esquerda da oração teve um número significativo de locuções, com 33,6% dos dados. Como a diferença entre as margens foi a muito pequena (apenas 5%), não podemos afirmar qual seria sua posição prototípica.

As locuções com valores durativos e reiterativos tiveram a mesma tendência com relação às margens da oração. As durativas ocuparam as margens direitas em 43,8% dos casos e a margem esquerda em 30,1%. Já as reiterativas tiveram 38,9% dos dados na MD, e apenas 19,4% na outra margem da oração.

Ainda com relação às locuções durativas, esperávamos que elas se apresentassem mais em posições pós-verbais, por não terem normalmente uma função de retomada no discurso, sendo inclusive mais aspectuais. Das 73 locuções durativas, 47 se posicionaram a direita do verbo, confirmando, assim, as nossas expectativas.

Com relação às posições mediais, prevíamos que seriam ocupadas principalmente pelas locuções com valor reiterativo, já que elas atuam diretamente sobre o sentido do verbo, indicando uma ação iterativa, repetitiva. Somando todas as posições não marginais, vemos que 15 locuções reiterativas ocorrem em posições mediais, ou seja, das 36 locuções com esse valor, 41,7% se apresentam mais próximas ao verbo. Esse resultado pode ser explicado pelo Subprincípio da Proximidade, o qual prevê uma proximidade sintática entre elementos cognitivamente mais próximos.

Com relação às locuções simultâneas, das 4 locuções encontradas, 3 se apresentaram logo no início da oração, indicando talvez uma fixação na posição desse circunstancial. Cabe ressaltar que, em todos os casos, a locução agia diretamente como um elemento de coesão e de coerência textuais, tendo uma função anafórica, retomando um elemento do discurso anterior, ou catafórica, referindo-se a termos ditos posteriormente na cláusula.

Assim, cabe ressaltar que todos os tipos semânticos ocorrem mais nas margens das orações e que há uma tendência pequena ao posicionamento na margem direita. A exceção vale para as locuções com um valor simultâneo, que ligam duas ações concomitantes. Estas aparecem na margem esquerda e possuem, normalmente, também um papel anafórico.

A pouca diferença de dados encontrada entre as margens pode ser explicado também pelo papel discursivo de cada uma das locuções. Dessa forma, quando uma locução possui um papel anafórico, ou introduz um subtópico ou mostra uma sequência de ações, tende a se deslocar para a esquerda, em uma posição de destaque. Esse fator será melhor explicado e analisado na seção 4.4

A seguir, veremos como nosso *corpus* foi analisado e distribuído a partir dos gêneros textuais trabalhados.

### **4.3- Gêneros Textuais.**

A partir da análise do *corpus*, procuramos compreender como as locuções se distribuíam nas diferentes posições, como pode ser visto na tabela abaixo.

Tabela (3): Gêneros Textuais x Posição da locução

		ME	MD	SAdvV	VadvC	VadvS	Xadv(X)V	V(C)AdvX	VadvV	Total
Artigos	nº	126	128	16	22	2	12	44	0	350
	%	36	36,6	4,6	6,3	0,6	3,4	12,6	0	100
Editoriais	nº	19	11	0	4	0	4	2	2	42
	%	45,2	26,2	0	9,5	0	9,5	4,8	4,8	100
Notícias	nº	42	72	4	28	0	1	37	1	185
	%	22,7	38,9	2,2	15,1	0	0,5	20	0,5	100

Verificamos que mais do total de dados, 350 (ou seja, 60% dos dados) fazem parte dos artigos, uma média de 5,9 locuções adverbiais temporais em cada texto. Nas notícias, vemos a presença de 185 locuções (32,1%), tendo uma média de 4 locuções em apenas um texto – média essa considerável, já que as notícias são textos bem menores que os outros. Por último, temos os editoriais, onde encontramos somente 42 locuções (7,3%), uma média de 2,8 por texto.

Como previsto, a posição predominante das locuções nas notícias é a margem direita, ocupada por 38,9% das locuções. Nas notícias, o foco é o fato narrado, o acontecimento, e não o tempo, já que imaginamos que as notícias mostrem eventos que tenham ocorrido naquele dia, no dia anterior ou então que seja algo em destaque recentemente. Assim, é comum que as locuções nas notícias tenham um escopo mais reduzido, ou seja, façam apenas o papel de circunstanciador, como se verifica no exemplo abaixo:

(26) *O número de vítimas fatais na Indonésia já chegou a 61, com a morte de quatro pessoas em apenas uma semana, três mulheres e um adolescente que morreram no hospital Persahabatan, em Jacarta, onde a sala especial para gripe aviária está*

*lotada, com outros oito pacientes que mostraram sintomas da doença neste ano. (O Globo, editoriais, 15/01/2007*

No exemplo acima, podemos observar que o importante é a descrição do fato, ou, no caso, o evento em si (a quantidade de vítimas fatais na Indonésia), o que mantém a locução em sua posição predominante, ao final da cláusula. Nas notícias, parece haver um favorecimento muito grande da continuidade tópica (tópico sequencial), o que desfavorece a colocação de elementos, como as locuções adverbiais, em posições iniciais. Assim, teríamos o deslocamento para a posição inicial apenas quando as locuções introduzem um subtópico, quando fazem contraste temporal ou até mesmo quando marcam uma sequência de eventos, como será visto na seção 4.4. Veja o exemplo:

(27) [...] *Na manhã de quarta-feira, a Itália se deparou com uma carta da esposa de Silvio Berlusconi na primeira página do jornal La Repubblica. No texto, Veronica dizia estar "ferida" em sua "dignidade" pela gafe de seu marido exaustivamente coberta pela imprensa depois de uma noite de gala no dia 26 de janeiro. "Se eu já não estivesse casado, eu me casaria com você imediatamente", afirmou Berlusconi (70 anos) com ar sedutor para a jovem e bela deputada Mara Carfagna. Em seguida, ele disse que "iria para qualquer lugar" com uma apresentadora de TV, Aida Yespica, que por sua vez assegurou que o acompanharia a "uma ilha deserta". (O Globo, editorial, 01/02/2007)*

Conforme nossa hipótese inicial, nos editoriais as locuções tenderiam a ocupar as posições iniciais da cláusula, já que funcionariam para demarcar momentos distintos numa enumeração de eventos, marcar um contraste e principalmente iniciar um subtópico. Pela

tabela (3), percebemos que a hipótese foi comprovada, pois 45,2% das locuções deslocaram-se para a margem esquerda da oração. Apenas 26,2% das locuções mantiveram-se na margem direita, posição predominante daquelas sem função discursiva específica. Abaixo, um exemplo de ordenação das principais locuções neste gênero textual:

(28) *Nosso colunista Ricardo Neves resolveu lançar há duas semanas um desafio aos leitores de ÉPOCA. Pediu que enviassem sugestões por e-mail sobre como seria possível usar as novas tecnologias digitais para controlar melhor os políticos e vencer a onda de marasmo e pessimismo que por vezes parece arrastar o país. As respostas não poderiam ter sido mais encorajadoras. “Senti novamente uma esperança de melhora para nosso país cheio de potencial”, escreveu a leitora Juliane Marafon. “Acredito que uma sociedade politizada e informada pode fazer a diferença”, disse o leitor Márcio Vieira.*

*Nesta semana, Neves estréia seu blog no site de ÉPOCA. Acoplado ao projeto ÉPOCA Transparência, cujo objetivo é ajudar o leitor e internauta a acompanhar de perto o trabalho dos nossos políticos e governantes, a Bússola Digital – nome do blog de Ricardo – será um ponto de referência para a troca de informações e dicas nesta nova era da cidadania digital. (Época, editorial, 31/07/2006)*

Com relação aos artigos, pudemos identificar uma tendência geral, a ocupação das margens. Nesse gênero, juntamos todos os textos que de alguma forma apresentavam o fato de forma pessoal, indicando a posição do emissor, sua opinião e alguns comentários tendenciosos. Neles, a locução apareceu 126 vezes na posição inicial e 128 na posição final, havendo então um equilíbrio entre as duas margens. Talvez essa igualdade entre as margens possa ser explicada pela função discursiva apresentada por cada locução e não pelo gênero textual a que está inserida. Nesse caso, veríamos que o deslocamento à esquerda ocorre

quando há uma relação com o discurso antecedente, quando a locução participa de uma frase que inicia subtópico ou quando ocorre uma sequência temporal (vf. seção 4.4)

Na seção seguinte, vemos o papel discursivo das locuções, fator este de grande relevância para explicar muitos resultados referentes às posições da locução adverbial temporal.

#### **4.4. Papel Discursivo da locução**

Ao aprofundarmos os estudos sobre os adverbiais e, em especial, sobre as locuções adverbiais temporais, vimos que sua função não é só de indicação temporal, já que participam da coesão entre os termos do discurso, introduzem novos eventos, fazem referências a situações já descritas. A partir do trabalho de Paiva (2002) e de Brasil (2005), em que vimos o papel discursivo dos circunstanciais temporais nos discursos em que fazem parte, procuramos estabelecer algumas funções discursivas exercidas pelas locuções temporais. Com base na sua classificação,<sup>14</sup> consideramos os seguintes papéis discursivos para as locuções:

I- Especificação de coordenadas temporais – a locução situa no tempo o evento, indica o momento em que ocorre o fato descrito, sem que se faça referência a termos anteriores, como no exemplo:

---

<sup>14</sup> Fizemos uma adaptação de sua análise tendo em vista uma análise qualitativa das locuções encontradas e do *corpus* analisado.

(29) *Para tirar Obina da Gávea, o clube russo ou qualquer outro interessado precisaria desembolsar US\$ 5 milhões (cerca de R\$ 11 milhões). O atacante confidenciou a amigos **nesta terça-feira** que não pretende deixar o Flamengo **antes do fim de 2007**. (O Globo, notícias de esporte, 06/02/2007)*

No exemplo (29), vemos a presença de duas locuções adverbiais temporais *nesta terça-feira* e *antes do fim de 2007*. Em ambas, pode-se observar que as locuções determinam o momento em que o evento ocorre. A primeira indica quando a confidência foi feita pelo atacante, desempenhando um papel dêitico, já a segunda informa ao leitor uma delimitação no tempo. Essas duas locuções representam uma informação nova, sem menção a nada do que já foi dito anteriormente no discurso e não indicam nem uma mudança de assunto, nem uma sequência temporal. Dessa forma, elas são consideradas apenas como um circunstanciador temporal, pois nessa função o escopo da locução é mais restrito que nas demais.

Cabe ressaltar que todas as outras funções que serão vistas se associam a essa, ou seja, todas as locuções estudadas situam um acontecimento no tempo. A diferença é que em alguns casos a locução possui uma função ainda mais específica no discurso. Essa segunda função, que a locução pode adquirir, pode ser anafórica, de introdução de subtópico ou de marcador de uma sequência temporal ou ainda pode ter ser uma função mista (pode ter várias funções ao mesmo tempo, como introduzir um subtópico e fazer uma retomada anafórica).

II- Anafórica – a locução retoma uma referência já apresentada no discurso, possuindo um papel coesivo importante, como podemos verificar em (30).

(30) *Fidel teria escolhido a opção menos degradante, porém mais perigosa. Depois de retirar a parte inflamada, os médicos teriam ligado o intestino diretamente ao reto, sem colocar a bolsa para as fezes. O local operado teria infeccionado. Outras duas cirurgias teriam sido realizadas para eliminar a infecção e retirar todo o intestino grosso, mas ele teria sofrido problemas de cicatrização e novas infecções. Uma ferida no abdome estaria causando a perda diária de meio litro de nutrientes. De acordo com os médicos, a probabilidade de morte seria de cerca de 80%. As informações foram divulgadas por médicos do hospital Gregório Marañon, em Madri. O chefe da cirurgia gástrica do hospital, José Luís García Sabrido, esteve no fim do ano em Cuba. Na ocasião, disse que Fidel "se recuperava de um problema digestivo" e negou que ele sofresse de um câncer na região abdominal. A doença havia sido noticiada pela revista Time, com base em fontes anônimas da Inteligência dos Estados Unidos. A posição de Cuba é que Fidel está se recuperando. Algumas poucas imagens dele foram divulgadas. (Época, notícias do mundo, 22/01/2007)*

No exemplo acima, além de indicar o momento em que o chefe da cirurgia gástrica se pronunciou a respeito de Fidel, a locução destacada refere-se à situação já descrita anteriormente – o fato de José ter ido a Cuba no final do ano. Dessa forma, o sintagma preposicional age diretamente na ligação entre um ponto do discurso ao discurso anterior, sendo um forte instrumento para a coesão discursiva.

Essa coesão pode ser estabelecida não somente através de referências a eventos já mencionados. Ao introduzirmos um novo assunto, ou ao criarmos um subtópico, circunstanciais temporais podem ser utilizados, como observamos na terceira função discursiva.

III- Introdução de subtópico – a locução está numa oração que inicia um novo evento, um novo episódio, um subtópico dentro de um assunto mais geral. A locução pode representar um contraste temporal entre os episódios descritos, apresentando-se normalmente na frase inicial do novo evento. Veja o exemplo:

(31) *Nesta edição, Gustavo, seu pai coordenou a publicação da melhor pesquisa do mundo sobre trabalho. Essa pesquisa inédita mostra quais são as 100 melhores empresas para trabalhar no Brasil. Ela foi elaborada pelo Great Place to Work Institute, presente em 29 países. Os questionários foram respondidos por mais de 250 mil funcionários das empresas brasileiras. Quem inventou essa pesquisa, há dez anos, foi um americano chamado Robert Levering. Seu pai pediu, e ele escreveu um artigo especial para nós sobre o assunto. O Levering e a pesquisa são tão respeitados que o Great Place to Work só se associa às melhores publicações do mundo, como a revista Fortune, nos Estados Unidos, ou o jornal Financial Times, na Inglaterra.*

*No começo da semana passada, Gustavo, seu pai chegou tarde em casa de novo. (Não se incomode, isso não vai se transformar em hábito, não.) Ele estava na festa de entrega do prêmio das 100 melhores empresas. Foi uma festança. Os presidentes das empresas subiram ao palco para receber o prêmio, teve um ótimo show de jazz com um saxofonista quase tão bom quanto seu pai, Gustavo. Ele se divertiu muito.*(*Época*, editorial, 21/08/2006)

Nesse editorial, o editor chefe da revista parece conversar com o filho de um repórter, contando-lhe os feitos de seu pai. No parágrafo anterior à locução adverbial, o editor discorre sobre o teor da reportagem publicada nessa edição e com a qual o pai do menino tanto teve trabalho. Em seguida, o foco narrativo muda, e ele parte para a explicação de um novo episódio, explicando agora o porquê da chegada tarde do pai em

casa em um dia da semana. A locução adverbial temporal, nesse caso, teve o papel de estabelecer uma espécie de fronteira discursiva entre as duas situações narradas, indicando o início de um novo evento e uma quebra na continuidade temática inicial.

Uma quarta função que a locução adverbial temporal pode exercer no discurso é aquela frequentemente utilizada em textos narrativos, que marcam períodos de tempo sucessivos, como podemos observar no quarto tipo a seguir.

IV- Sequência temporal – demarca pontos de uma sequência temporal que se sucedem ao longo de um evento; são marcas linguísticas específicas para marcar a sucessão de eventos, como no exemplo (32)

- (32) *Grupos de mineração de todo o mundo bateram recordes no ano de 2006, uma tendência que deve perdurar apesar das concessões feitas a seu maior cliente, a China, que limitou a 9,5% o aumento do preço do minério de ferro.*  
*O líder mundial, o anglo-australiano BHP Biliton, anunciou **nesta quarta-feira** uma alta de 41,3% em seu lucro líquido no semestre encerrado em dezembro, chegando a US\$ 6,2 bilhões. Este recorde pode ser explicado por uma "sólida demanda, preços altos e produção elevada", comentou a empresa.*  
***Na quinta-feira passada**, o segundo maior grupo mundial do setor, o Rio Tinto, divulgou também seus recordes, com lucro líquido de US\$ 7,4 bilhões.*  
***Mês passado**, o gigante brasileiro Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) também exibiu uma excelente performance ao anunciar um investimento de US\$ 6,3 bilhões para aumentar sua produção de ferro, alumínio e níquel. (O Globo, notícias do mundo, 07/02/2007)*

Nesse exemplo, podemos visualizar claramente a sequência de eventos enumerados.

A notícia começa anunciando que em 2006 vários grupos de mineradores bateram recordes de produção. A partir daí, os três parágrafos seguintes mostram os momentos em que grupos distintos anunciaram suas altas de produção. Assim, temos uma enumeração, uma marcação de pontos distintos (um evento que ocorreu *nesta quarta-feira*, outro *na quinta-feira* e por último *no mês passado*).

No entanto, o que ocorre é que essas fronteiras discursivas não se excluem totalmente e por vezes algumas dessas funções podem se sobrepor, como podemos observar no quinto tipo, apresentado abaixo.

V- Mista – serve para retomar uma referência anterior e marcar um novo episódio, associando duas funções ao mesmo tempo: a anafórica e a mudança de subtópico.

(33) *A única preocupação dos EUA com a eleição talvez seja a amizade entre Ortega e o presidente da Venezuela, Hugo Chávez - e só. O sandinista vai assumir o comando do país mais pobre do Ocidente depois do Haiti. Quase metade da população vive com menos de US\$ 1 por dia. São as mesmas pessoas que o apoiaram em 1979, quando o sandinista liderou a guerrilha que depôs o ditador Anastasio Somoza. (O nome do movimento vem de Augusto César Sandino, o guerrilheiro nicaraguense que desafiou o governo e as tropas americanas nas décadas de 1920 e 1930.) Nos primeiros anos, Ortega governou com uma junta. No final de 1984, foi eleito presidente. Pela aproximação com a União Soviética, o governo sofreu embargo dos EUA. O então presidente, Ronald Reagan, financiou os contra-revolucionários, ou contras, em parte com dinheiro da venda clandestina de armas para o Irã. A guerra civil, o racionamento e denúncias de corrupção minaram a popularidade de Ortega.*(*Época*, notícias do mundo, 11/11/2006)

No exemplo acima, a locução *nos primeiros anos* serve para retomar a questão do mandato já mencionado no discurso anterior, mas marca também uma nova sequência de acontecimentos. A partir desse parágrafo, o repórter começa a narrar como Ortega chegou ao poder e os primeiros acontecimentos desse período, mudando assim, o assunto até então descrito no parágrafo anterior.

Para fazer a análise mais detalhada dos papéis discursivos das locuções adverbiais temporais, houve a necessidade de diminuir o *corpus*. Consideramos apenas cinco textos de cada um dos gêneros textuais (selecionados do amostra de forma aleatória), tendo um total de 181 dados para esse fator. Assim, vimos a seguinte frequência de ocorrência das locuções:

Tabela (4): Papel Discursivo

<b>Papel discursivo</b>		
	<b>n°</b>	<b>%</b>
<b>Circunstanciador</b>	113	62,43
<b>Anafórica</b>	12	6,63
<b>Introdução de subtópico</b>	33	18,23
<b>Sequência temporal</b>	17	9,39
<b>Mista</b>	6	3,31
<b>Total</b>	181	100

A partir dessa primeira tabela, pode-se notar uma grande quantidade de dados com a função de circunstanciador, marcando apenas uma coordenada temporal e fazendo a indicação de tempo do evento descrito como um todo, como visto em (34)

(34) *Mas não foram só atletas que deixaram o clube. O ex-zagueiro Paulo Moroni, 46, é o quarto comandante do elenco em 2007. Há seis anos como técnico e com experiência à frente de times intermediários do Nordeste, ele espera que o desafio de comandar o América o torne mais conhecido. Mas não oculta a dificuldade da missão.* (Folha, notícias de esporte, 05/09/ 2007)

No exemplo acima, vemos que a locução *em 2007* marca uma temporalidade da ação. Por tratar-se de textos jornalísticos – em que a marcação do tempo do evento deve ser respeitada de maneira precisa, para que não comprometa a veracidade dos fatos – essa locução tem um importante papel dêitico. Assim, mais de 60% das locuções tiveram uma função neutra no discurso, indicando apenas o tempo das ações.

Já as locuções como as vistas em (35), mostraram-se as segundas mais produtivas nos textos jornalísticos analisados.

(35) *A mente feminina não é algo propriamente fácil de entender. O que leva uma moça linda, com corpo perfeito, sem nenhum excesso de peso nem problema de saúde, a falsificar uma receita médica para poder comprar remédios que fazem emagrecer? Por que tamanha obsessão por um modelo de beleza que - além de geneticamente inatingível - nem ao menos é atraente para a maior parte dos homens? Sim. Por quê?*  
*Responder a essas perguntas foi o desafio entregue às repórteres Beatriz Velloso e Mariana Sanches. Bia e Mariana passaram algumas semanas visitando academias, entrevistando mulheres deslumbrantes, médicos, psicólogos e historiadores. De acordo com a reportagem delas, o principal motivo para a obsessão pela magreza é cultural. "As mulheres sempre foram vaidosas", diz Bia. "O padrão de beleza que elas almejam é que tem emagrecido cada vez mais." (Época, editoriais, 28/08/2006)*

No exemplo acima, embora a locução não apareça na primeira frase do parágrafo iniciado, verifica-se claramente a descrição de um novo episódio. No trecho anterior, introdução do editorial, o editor-chefe faz uma explanação sobre o assunto central da matéria principal da revista. No segundo parágrafo, inicia-se uma espécie de narração sobre os feitos das repórteres Bia e Mariana.

A expectativa inicial era a de que locuções adverbiais desse tipo se deslocassem para a esquerda, principalmente para a margem, indicando uma quebra na temática inicial. No entanto, no exemplo visto, a locução ocupou uma posição intermediária, entre os dois verbos da cláusula. Provavelmente o editor preferiu enfatizar de uma forma menos formal o nome das repórteres, que já havia sido mencionado na frase imediatamente anterior. Além disso, a locução *algumas semanas* se relaciona com os dois verbos na forma nominal – *visitando* e *entrevistando* – o que permitiria um posicionamento mais próximo de ambos.

Os demais papéis discursivos mostraram-se menos produtivos. Apenas 17 casos de locuções indicavam uma sequência temporal e aquelas com a função anafórica só foram vistas em 12 dos 181 dados. Já as locuções que associavam a função anafórica a uma mudança de assunto totalizaram apenas 6 casos. Esse resultado não contrariou nossas expectativas, pois a continuidade temporal e a retomada anafórica são funções muito presentes em narrativas (e não nos tipos de textos predominantes na nossa amostra), onde as ações das personagens são descritas de maneira sucessiva.

Os resultados encontrados podem ser vistos de forma mais específica e detalhada ao observarmos cada um dos gêneros estudados. Como na tabela (5)

TABELA (5): Papel Discursivo x Gêneros Textuais

	Editorial		Artigo		Notícias	
	nº	%	nº	%	nº	%
<b>Circunstanciador</b>	8	53,33	66	60	39	69,64
<b>Anafórica</b>	0	0	8	7,27	4	7,14
<b>Introdução de subtópico</b>	6	40	20	18,18	7	12,50
<b>Sequência temporal</b>	0	0	11	10	6	10,71
<b>Mista</b>	1	6,67	5	4,55	0	0
<b>Total</b>	15	100	110	100	56	100

Como já foi explanado, na seção 3.1, o editorial é uma espécie de diálogo entre o escritor (editor-chefe) e o leitor. Apresenta também, em alguns casos, uma narração, com personagens e fatos descritos de forma diferenciada de uma notícia. Nesses textos, encontramos um número de 15 locuções adverbiais temporais que ficaram distribuídas quase igualmente entre os papéis de circunstanciador e de introdutor de subtópico. Esta segunda função mostrou-se produtiva em 6 casos do total de dados encontrados no editorial, o que equivale a 40% do total, um número considerável se observarmos os demais gêneros estudados. Vejamos o exemplo:

- (36) *O primeiro desafio entregue a Ruth em ÉPOCA foi elaborar um perfil da maior surpresa política dos últimos meses: a senadora alagoana Heloísa Helena, cujo crescimento nas pesquisas eleitorais não pára de surpreender. De acordo com os últimos números divulgados na semana passada, Heloísa está longe de ameaçar a reeleição do presidente Lula. Mas despontou como azarão numa corrida que hoje ninguém sabe dizer ao certo como terminará.*
- Para elaborar o excepcional texto que começa na página 28, Ruth acompanhou de perto a campanha de Heloísa durante a semana passada. Na quinta-feira, a*

*candidata limpava com vassouras e baldes d'água as ruas de Taguatinga, perto de Brasília. Ruth acompanhou Heloísa em caminhadas e no corpo a corpo com o povão. "Impressionei-me com o fascínio que ela desperta nas pessoas, pela coragem, indignação, simplicidade e simpatia", diz Ruth. (Época, editoriais, 14/08/2006)*

A locução adverbial temporal *na quinta-feira* marca o início do processo de descrição das atividades de Heloísa Helena no período em que a jornalista esteve com ela, determinando uma quebra no assunto até então exposto. O primeiro parágrafo, como podemos visualizar, trata de expor quem é a personagem central da reportagem, havendo assim, uma ruptura no assunto no momento em que o foco narrativo passa a ser sua militância.

Nos artigos e nas notícias, podemos verificar a mesma tendência. Nos artigos jornalísticos, observamos uma grande quantidade de dados (110 locuções) com predominância da função de circunstanciador, totalizando 60% dos casos. O segundo papel exercido pelo circunstanciador com maior frequência foi o de introdutor de subtópico, com 18,18% do total. Já a função anafórica e a de sequência temporal apareceram quase igualmente nos dados – 7,27% e 10% respectivamente – o que nos indica a incidência de locuções temporais utilizadas para fins de coesão e de coerência do discurso, principalmente quando estiverem em posição inicial, como no exemplo a seguir:

(37) [...] *A expectativa era investir R\$ 188 milhões em 2004 e criar 260 mil vagas por ano. Lula anunciou que seria possível chegar a 500 mil postos.*

*Oito meses depois, o Primeiro Emprego só tinha levado à contratação de um copeiro em Salvador. De lá para cá, apenas 15 mil vagas foram criadas, mesmo*

*depois de suspensa a exigência de interromper demissões. A dotação orçamentária do programa foi minguando, até alcançar R\$ 130 milhões neste ano -dos quais R\$ 20 milhões foram gastos.(Folha de São Paulo, editorial, 01/09/ 2007)*

O exemplo acima mostra que a locução adverbial temporal age diretamente como um elo coesivo das frases, exercendo um papel anafórico, retomando uma menção temporal dita no discurso anterior. A locução indica que, do momento em que ocorreu a contratação do primeiro copeiro em Salvador para o momento em que a publicação da matéria foi feita, poucas foram as vagas oferecidas.

Ainda com relação àquilo que consideramos artigos jornalísticos, um resultado se mostrou significativo a partir dos gêneros. Dos 6 dados encontrados para locuções com uma função mista, 5 delas ocorreram nos artigos.

(38) *Atentados coordenados mataram pelo menos 25 pessoas ontem no Paquistão. As explosões aconteceram em Rawalpindi, cidade na região metropolitana de Islamabad que funciona como quartel-general das Forças Armadas. No início da manhã, um ônibus que transportava funcionários civis e militares do Ministério da Defesa explodiu no centro da cidade. Dezoito pessoas morreram, incluindo membros da agência de inteligência paquistanesa. **Vinte minutos depois**, a explosão de uma motocicleta a menos de dois quilômetros dali destruiu carros e matou sete pessoas. Há 68 feridos, alguns em estado grave, e o número de mortos pode aumentar. (Folha, notícias de mundo, 05/09/2007)*

O exemplo (38) nos mostra um caso particular de função mista no discurso. O artigo é iniciado narrando os fatos que ocorreram na região e a locução *vinte minutos depois* inicia um evento novo no discurso. No entanto, a locução refere-se ao fato descrito no parágrafo

anterior – depois da explosão do ônibus pela manhã – tendo assim também uma função anafórica. A particularidade deste exemplo se dá, pois ainda poderíamos considerar uma sucessão de eventos que ocorreram neste dia, incorporando mais uma função nesse caso.

Nossa intenção, ao observar a função discursiva da locução, era identificar se seu papel no discurso influenciaria na ordenação da locução. A princípio, nossa hipótese seria a de que as locuções com funções especificamente coesivas, como as anafóricas, as de introdução de subtópico, de sequência temporal e as mistas, tenderiam a vir em posições pré-verbais, principalmente na margem esquerda da oração. Já aquelas locuções que apenas sinalizariam o tempo em que o evento ocorre permaneceriam à direita, seguindo a tendência geral. Outra possibilidade seria a de que estas locuções neutras teriam mobilidade maior no discurso, podendo apresentar-se em posições mediais.

Para verificar tais hipóteses, cruzamos essa função com a posição que a locução pode ocupar na sentença, como podemos observar na tabela (6)

TABELA (6): Papel Discursivo x Posição da Locução

		ME	MD	SAdvV	VAdvC	XAdv(X)V	V(C)AdvX	AuxAdvV	Total
Circunstanciador	nº	20	51	3	14	4	20	1	113
	%	17,7	45,1	2,7	12,4	3,5	17,7	0,9	100
Anafórica	nº	7	3	0	1	0	1	0	12
	%	58,3	25	0	8,3	0	8,3	0	100
Introdução de subtópico	nº	18	8	0	5	1	0	1	33
	%	54,5	24,2	0	15,2	3	0	3	100
Sequência temporal	nº	14	0	0	1	0	2	0	17
	%	82,4	0	0	5,9	0	11,8	0	100
Mista	nº	6	0	0	0	0	0	0	6
	%	100	0	0	0	0	0	0	100
Total	nº	65	62	3	21	5	23	2	181
	%	35,9	34,3	1,7	11,6	2,8	12,7	1,1	100

Pela tabela, pode-se observar que a tendência geral (de posicionamento das locuções em posições marginais) manteve-se, já que 70,16% das locuções ordenaram-se nas margens da cláusula – 35,91% na margem esquerda e 34,25% na margem direita. Como já dito, estas posições são as preferidas pelas locuções adverbiais, principalmente devido ao seu peso fonológico.

Com relação às hipóteses iniciais, vemos que elas se confirmaram. Dos papéis discursivos analisados, o único que ocupa preferencialmente a margem direita da oração é aquele que especifica coordenadas temporais, ou seja, o circunstanciador sem outro papel discursivo, além de indicar o tempo. Dos 113 dados de locuções com essa função, 51 (45,13%) estão finalizando a oração, como no exemplo (39):

(39) *O Painel Internacional sobre Mudança Climática da ONU, que envolve 2.500 cientistas, disse **dia 2 de fevereiro** que as temperaturas médias mundiais provavelmente aumentariam entre 1,8 e 4,0 graus Celsius **no século 21**. (O Globo, notícias do mundo, 07/02/2007)*

Nesse exemplo, as duas locuções adverbiais destacadas estão finalizando orações e ambas possuem a função de especificar apenas o tempo do evento. A primeira locução destacada, *dia 2 de fevereiro*, não está encerrando o período, como a segunda, *no século 21*, no entanto essa diferença não se mostrou significativa no *corpus* de uma forma geral.

O exemplo faz parte do *corpus* de notícias, que, como já foi visto, tende a manter seus dados a margem direita. Assim, comparando os resultados, podemos afirmar que as locuções quando possuem a função apenas de circunstanciador tendem a manter-se em sua posição pós-verbal.

Ainda com relação ao posicionamento do circunstanciador neutro, observa-se que, conforme previsto inicialmente, por não manter uma ligação com o discurso mencionado anteriormente, ele possui uma maior flexibilidade de ordenação, sendo esta a função mais produtiva nas posições mediais. Veja:

(40) *Há também o dinheiro. No governo Lula, o saldo comercial com os vizinhos da América do Sul saltou de US\$ 4,734 bilhões **em 2003** para US\$ 11,3 bilhões apenas nos nove primeiros meses deste ano. (Época, editorial, 11/11/2006)*

No exemplo acima, a locução *em 2003* aparece em posição pós-verbal, mas não finaliza a oração. No caso, o circunstancial está indicando com precisão a partir de quando

houve um salto no saldo comercial entre o Brasil e os outros países da América do Sul. A locução, então, aparece localizada exatamente entre os dois complementos. Pela tabela, ainda podemos verificar que o circunstancial que mais aparece inserido entre o verbo e seus argumentos é o que possui apenas a função de indicação temporal. Dos 21 casos de locuções inseridas entre o verbo e o complemento verbal, 14 são de circunstanciador, além dos 3 casos que se apresentam entre o sujeito e o verbo da cláusula, como no exemplo:

(41) *Pelosi conseguiu impor a seu partido uma unidade e uma disciplina que ele **raras vezes** experimenta.* (*Época*, editorial, 11/11/2006)

No exemplo (41) vemos claramente que a falta de função coesiva da locução *raras vezes* influencia sua ordenação. Assim, se ela se referisse a algum termo anteriormente citado provavelmente estaria mais próxima a ele. Além disso, o valor mais aspectual da locução requer uma proximidade maior em relação ao verbo, já que essa locução indica uma ação iterativa.

Já as anafóricas tenderam a margem esquerda, conforme o esperado (7 dos 12 casos). No entanto, 5 casos apresentaram-se em posições pós-verbais, posição não prevista para as locuções com essa função discursiva, como veremos no exemplo (42):

(42) *Correm soltas as especulações de que Rowling, que se tornou bilionária com o sucesso dos livros e filmes de Harry Potter, pode fazer Harry morrer no final do sétimo livro.*  
*No ano passado a escritora declarou que pelo menos dois personagens vão morrer **no último livro**, afirmando ainda que compreende o desejo de alguns autores de*

*matar o personagem principal de uma série bem sucedida. (O Globo, editoriais, 01/02/2007)*

O posicionamento da locução no exemplo acima pode ser facilmente explicado se observarmos a estrutura de toda a frase. A locução em destaque, *no último livro*, finaliza a oração inicial do parágrafo, retomando o termo que já havia encerrado o parágrafo anterior (no último livro é equivalente ao termo *sétimo livro*). Nessa frase, a ênfase foi dada ao momento em quem houve a declaração da escritora – *no ano passado* –, sendo essa a informação inicial. Assim, o momento em que a personagem vai morrer ficou em segundo plano, sendo colocada para a margem direita da cláusula.

As locuções que indicam uma quebra no tópico inicial, ou que mostram uma introdução a um subtópico, e aquelas que indicam uma sequência temporal confirmaram a hipótese de que se ordenariam principalmente na margem esquerda da cláusula por representarem, às vezes, uma ruptura no discurso. Dessa forma, 54,55% das locuções que indicavam mudança de subtópico posicionaram-se na posição inicial, assim como 82,35% daquelas que sinalizavam uma sequência de eventos.

No momento da análise, procuramos não considerar apenas como mudança de subtópico aquelas locuções que iniciavam período e sim aquelas que estavam presentes na frase em que ocorria essa troca de assunto. Como pode ser visto no exemplo abaixo:

(43) *Ao analisar o fato de o time ter saído da terceira divisão em 2005 para a elite neste ano, ele desabafa: "O melhor de ir para a Série A é estar longe da C". Bezerra relata a espiral de fracasso do time **no ano**, uma série de tropeços que*

*lembra o retrospecto do Íbis, clube pernambucano famoso por explorar a fama de "pior do mundo". (Folha de São Paulo, notícias de esporte, 05/09/2007).*

No exemplo acima, a frase que contém a locução adverbial destacada inicia um relato do dirigente Bezerra sobre o fracasso do time, representando assim o começo de um subtópico dentro das histórias sobre o ano do clube. A partir desse momento, ele começa a narrar sobre as derrotas sofridas pelo time no ano e a locução adverbial aparece ao final da oração.

Por último, as locuções com mais de um papel discursivo, as ditas mistas, tiveram um comportamento singular. Todos os 6 casos encontrados posicionam-se à esquerda da cláusula, como no exemplo:

(44) *Khamenei se referiu aos "rumores" de um possível ataque americano contra o Iraque, e acrescentou que estas questões "não assustam" o Irã, pois não é a primeira vez que o país é atacado pelos EUA.*

*O líder se mostrou convencido de que "os inimigos não cometerão tal erro, já que sabem muito bem que desta forma poriam em perigo seus próprios interesses".*

*No mesmo dia do duro discurso de Khamenei contra os EUA, o Irã testou com sucesso um míssil terra-mar de alcance de 350 km. O teste foi realizado durante o segundo dia de manobras aeronavais na região do Golfo, informou a TV estatal. (O Globo, notícias do mundo, 08/02/2007)*

As locuções mistas reúnem duas funções: a de retomada e de início de subtópico, normalmente. No exemplo (44), a locução já teria uma forte tendência a ocupar uma das margens da cláusula, visto que é uma locução grande, com um peso fonológico

significativo. Porém, a posição preferida nesses casos seria a margem direita, já que não quebraria o fluxo de informações, o que não ocorre no exemplo citado. Nesse caso, a locução retoma o evento mencionado anteriormente – o discurso feito por Khamenei referindo-se aos supostos ataques americanos ao Irã – além de iniciar uma nova informação: o teste de um míssil feito pelo Irã. Assim, ocorre uma delimitação entre os eventos e a passagem de um para o outro é feita a partir de uma retomada anafórica.

No que diz respeito ao grau de integração entre os elementos do discurso, verificamos o tamanho da locução, pois acreditamos que, quanto maior o seu peso fonológico, menor a possibilidade dela aparecer em posições mediais, já que assim interromperia o fluxo de informações entre o verbo e seus argumentos. Na seção seguinte podemos observar a influência desse fator na ordenação da locução.

#### **4.5- Tamanho da locução**

Para verificarmos se o peso fonológico da locução influenciaria na ordenação desta, procuramos classificar as locuções em três tamanhos distintos, pequena, média ou grande, e visualizar até que ponto seu tamanho influenciaria na ordenação. Nossa hipótese seria a de que, quanto maior a locução, menor a tendência de ocorrência em posições mediais, ou melhor, maior seria a possibilidade dela ocupar as margens da oração. Assim, organizamos as locuções da seguinte forma:

- Pequena: quando a locução apresenta apenas duas palavras em sua composição
- (45) *A Associação de Jornais dos EUA lançará **em abril** uma campanha publicitária de US\$ 75 milhões para declarar sua relevância na era da internet. O objetivo é dizer aos anunciantes que o setor não está obsoleto. (O Globo, editorial, 01/02/2007)*
- Média: quando a locução possui 3 ou 4 palavras, independentemente da quantidade de sílabas que a compõe.
- (46) *No **final de 2005**, o governo pôs em marcha o sucedâneo Projovem, para contemplar moços e moças de 18 a 24 anos sem ensino fundamental completo (oitava série). (Folha de São Paulo, editorial, 01/07/2007)*
- Grande: quando a locução tiver 5 palavras ou mais.
- (47) ***Pouco menos de um ano antes do início dos Jogos Olímpicos de Pequim**, o slogan oficial da competição ganhou ares de protesto ao incorporar mensagens pela libertação da região autônoma do Tibete. (Folha de São Paulo, notícias do mundo, 01/07/2007)*

Dessa forma, nossa expectativa era de que essas locuções grandes não aparecessem nas posições mediais da cláusula, já que interromperiam o fluxo de informações e quebrariam a integração entre os verbos e os argumentos. Para nós, as margens seriam as posições predominantes para o posicionamento das locuções maiores, pois, assim, elas não interromperiam o fluxo de informações.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

Tabela (7): Tamanho da Locução x Ordem

		ME	MD	(S)AdvV	VadvC	VadvS	Xadv(X)V	V(C)AdvX	VadvV	Total
<b>Grande</b>	nº	37	39	3	3	0	4	16	0	<b>102</b>
	%	36,3	38,2	2,9	2,9	0	3,9	15,7	0	<b>100</b>
<b>Média</b>	nº	82	85	8	23	1	6	30	0	<b>235</b>
	%	34,9	36,2	3,4	9,8	4	2,6	12,8	0	<b>100</b>
<b>Pequena</b>	nº	68	87	9	28	1	7	37	3	<b>240</b>
	%	28,3	36,3	3,8	11,7	0,4	2,9	15,4	1,3	<b>100</b>
<b>Total</b>	nº	187	211	20	54	2	17	83	3	<b>577</b>
	%	32,4	36,6	3,5	9,4	0,3	2,9	14,4	0,5	<b>100</b>

Primeiramente, podemos verificar que no *corpus* há o predomínio de locuções médias e pequenas – 235 e 240 num total de 577 locuções, respectivamente. As locuções grandes, ou seja, com mais de 5 palavras, apareceram apenas 102 vezes. Tal fato pode ser explicado a partir dos gêneros textuais. Sendo as notícias e os artigos textos mais curtos a locução tenderia a ser menor, visto que as locuções maiores se apresentariam em maior quantidade nos editoriais (textos estes em pouca quantidade no nosso *corpus*). Assim, locuções como as do exemplo abaixo seriam mais vistas nos editoriais:

- (48) *Nosso planejamento para a cobertura começou em janeiro, com uma análise do que as melhores revistas semanais do mundo - Time, Newsweek e The Economist - haviam feito na cobertura das últimas eleições americanas.* (Época, editorial, 06/11/2006)

No exemplo acima, vemos que a locução *na cobertura das últimas eleições americanas*, com 6 palavras, aparece no editorial. Além dela, uma locução tida como pequena foi destacada – *em janeiro*. Essa locução ordenou-se logo em seguida do verbo, mostrando uma tendência esperada em nossa hipótese. Para nós, as posições mediais dificilmente seriam ocupadas por locuções grandes, já que interromperiam o fluxo informacional. Assim, apenas 6 locuções apareceram inseridas entre o verbo e seus argumentos (3 entre o sujeito e o verbo e 3 entre o verbo e o complemento).

Como previsto na hipótese, as posições intermediárias, ou seja, aquelas em que a locução coloca-se entre o verbo e os argumentos, foram ocupadas principalmente pelas locuções pequenas, ou seja, com apenas duas palavras. Das 74 locuções em posição SadvV e VCAdv, 37 correspondem as pequenas locuções e 31 possuem entre 3 e 4 palavras.

Ainda a partir da visualização da tabela, pode-se confirmar a hipótese inicial de que as locuções com um peso fonológico maior tenderiam a se posicionar nas margens da oração. Dessa maneira, das 102 locuções consideradas grandes, 76 se localizaram nas posições marginais (37 ME e 39 MD), tendo uma diferença muito pequena entre as duas posições. Dessas locuções maiores, vimos ainda que pouco mais de 15% ocuparam a posição pós-verbal, sem que finalizassem a oração. Ao observarmos as posições de locuções inseridas entre o sujeito e o verbo e entre o verbo e o objeto, podemos concluir que nossa hipótese mais uma vez é comprovada. Das 20 locuções inseridas entre o sujeito e o verbo, apenas três são consideradas grandes, mesmo número encontrado de locuções com mais de 5 palavras entre o verbo e o complemento (3 em um total de 54 locuções)

Uma questão relevante é a pouca diferença encontrada entre a margem direita e esquerda quando as locuções são grandes e médias: apenas 2 e 3 dados de diferença. Esse

resultado reflete ainda os vistos na tabela (1), onde não pudemos precisar a posição predominante das locuções adverbiais temporais. Ainda com relação às questões referentes às margens, vemos que as únicas que mostram uma tendência mais fixa são aquelas que possuem apenas duas palavras, ou seja, as locuções pequenas. Estas locuções predominam na margem direita da oração, com 36,3% das locuções nessa posição, ao passo que apenas 28,3% posicionaram na outra margem.

Pode-se dizer que as locuções pequenas estão em uma posição que não estabelece contraste entre dois eventos, não retoma o discurso anterior e, principalmente, não estão em uma posição de ênfase, como podemos observar abaixo:

(49) *Ele protagonizou disputa acirrada com o brasileiro Ricardo Winicki, da prancha a vela, e levou o ouro em 2004.* (Folha de São Paulo, esportes, 30/04/2007)

Em (49), verificamos que a locução *em 2004* possui apenas a função discursiva de circunstanciador, ou seja, a locução apenas indica o tempo do evento. Nesses casos, como já explanado na seção 4.4, as locuções tendem a margem direita, desfocalizadas.

Cabe ainda ressaltar que os três casos de locuções colocadas entre o verbo auxiliar e seu principal eram daquelas com apenas duas palavras, veja:

(50) *O que começa como uma preocupação aparentemente até saudável - afinal, uma dieta balanceada faz bem a qualquer um -, pode muitas vezes adquirir contornos claramente doentios, gerando não apenas problemas de nutrição, mas também distúrbios graves, como bulimia ou anorexia.* (Época, editorial, 28/08/2006)

No exemplo acima, vemos que a locução reiterativa *muitas vezes* posiciona-se entre o verbo modal – *pode* – e o principal – *adquirir*. Não acreditamos que tal ordenação ocorresse se a locução fosse grande, pois quebraria a ligação existente entre os dois verbos da locução, o que seria contrário ao subprincípio da proximidade.

#### 4.6 - Transitividade da oração

A partir dos pressupostos funcionalistas já mencionados anteriormente, queremos saber se há relação entre transitividade da oração (segundo Hopper & Thompson (1980) e Thompson & Hopper (2001), e a ordenação das locuções adverbiais temporais e aspectuais. Nossa hipótese inicial, como dito anteriormente, é que quanto mais transitiva a oração, menor a probabilidade de a locução aparecer inserida entre o verbo e seus argumentos. Tal hipótese fundamenta-se em um dos princípios básicos do funcionalismo – o **Princípio da Iconicidade** – que, conforme já explicado no capítulo 1, parte da ideia de que as estruturas linguísticas expressas pelo falante, em sua linguagem, refletem sua experiência, ou seja, um mundo extralinguístico.

Para nossa análise inicial consideraremos apenas seis dos dez parâmetros descritos por Hopper & Thompson, são eles:

- número de participantes – dois ou mais participantes é considerada alta transitividade;
- chinês – o verbo de ação seria uma característica de alta transitividade;

- aspecto do verbo – se o verbo é perfectivo a oração possui um traço de alta transitividade;
- modalidade da oração – se a oração possuir aspecto *realis* ela é mais transitiva;
- agentividade do sujeito – quanto maior o grau de agentividade do sujeito da oração mais transitiva ela será;
- afetamento do objeto – quanto mais afetado o objeto estiver sendo mais transitiva será a oração;

Nesta seção, focaremos os dados em que há locuções ente S e V ou entre V e O. Desses tipos, encontramos 76 dados, assim distribuídos: SadvV (20 dados), VadvC (54 dados) e VadvS (2 dados).

Em nossa análise, consideraremos (+) para os traços de alta transitividade e (-) para aqueles de baixa transitividade. Com isso, o somatório desses traços nos dará as cláusulas mais ou menos transitivas, de acordo com o número de traços que possuem, podendo, cada cláusula, apresentar no máximo um grau 6 de transitividade e no mínimo grau zero.

Os exemplos a seguir são de locuções localizadas entre o sujeito da oração e o verbo, observe:

(51) *A vitória sobre o Canadá, **no sábado**, não ilude o Brasil para a estréia.* (esp 10-globo)

[+] participantes, [-] cinese, [-] aspecto do verbo, [-] modalidade da oração, [-] afetamento do objeto, [-] agentividade do sujeito → 1 traço na escala de transitividade

Podemos verificar, no exemplo acima, um caso de oração com baixa transitividade, apenas um traço na escala. O único traço positivo é o de participantes, já que vemos a presença de um sujeito, que não é agentivo, e de um objeto, que também não é afetado.

A mesma baixa transitividade pode ser vista no outro caso de locução adverbial temporal inserida entre o sujeito e o verbo.

(52) *Na avaliação da agência, a menor colaboração entre Bolívia e EUA desde a chegada de Morales prejudica o combate ao narcotráfico* (mun 14-folha)

[+] participantes, [-] cinese, [-] aspecto do verbo, [+] modalidade da oração, [+] afetamento do objeto, [-] agentividade do sujeito → 3 traços na escala de transitividade

No exemplo acima, vemos um caso de baixa transitividade, mas com três traços positivos na escala. Nele, além da quantidade de participantes ser superior a um, trata-se de uma oração no modo *realis*.

No *corpus*, encontramos 20 ocorrências da locução adverbial temporal em posição inserida entre o sujeito e o verbo e em nenhum dos casos trata-se de uma cláusula de altíssima transitividade, ou seja, com 5 ou 6 traços positivos na escala.

Com relação às locuções posicionadas entre o verbo e seu complemento, temos os seguintes casos:

(52) *A XXIV edição do Prêmio Internacional de Jornalismo Rei de Espanha conta este ano com a participação de 162 profissionais* (ed 8-globo)

[+] participantes, [-] cinese, [-] aspecto do verbo, [+] modalidade da oração, [-] afetamento do objeto, [-] agentividade do sujeito → 2 traços na escala de transitividade

Observa-se, no exemplo acima, apenas dois traços positivos na escala de transitividade. A oração está em modo *realis*, o que seria um traço u de transitividade e se trata de uma oração em que encontramos dois argumentos verbais – o sujeito e o complemento, sendo que aquele é não-agentivo. Além disso, o verbo em questão não constitui uma ação clara, não podendo ser considerado cinético e esta não realiza uma ação acabada, finita, não possuindo dessa forma um traço perfectivo.

O mesmo pode ser observado em outras orações que contenham locuções em posições pós-verbais. Veja:

(53) *os executivos que se reunirão na próxima semana na estação de esqui suíça de Davos para o encontro do Fórum Econômico Mundial se beneficiaram de uma "bonança no estilo (David) Beckham"*. (ed 11-globo)

[-] participantes, [+] cinese, [-] aspecto do verbo, [-] modalidade da oração, [-] afetamento do objeto, [+] agentividade do sujeito → 2 traços na escala de transitividade

No exemplo acima, vemos ainda que a locução se coloca entre o verbo e outra noção circunstancial, mas de lugar. Nesse caso, observamos que a oração possui apenas dois traços de transitividade o que facilitaria a inserção do adverbial em estudo.

No entanto, ao contrário das cláusulas com locuções inseridas entre o sujeito e o verbo, nos casos daquelas inseridas em posição pós-verbal, foram encontradas algumas cláusulas com media transitividade (3 traços na escala), como podemos verificar em:

(54) *O Brasil irá enfrentar, a partir de quinta-feira, Argentina, Porto Rico e Canadá, adversários diretos pela vaga olímpica* (esp 16-folha)

[+] participantes, [+] cinese, [-] aspecto do verbo, [-] modalidade da oração, [-] afetamento do objeto, [+] agentividade do sujeito → 3 traços na escala de transitividade

No exemplo acima, vemos que a oração possui 3 traços positivos na escala de transitividade, mais de um participante, verbo cinético e sujeito agentivo. Dessa forma, temos apenas dois traços negativos, pois o verbo é não-perfectivo e o objeto não foi afetado pela ação do sujeito.

Em (55) observamos um caso particular de inserção da locução, já que a transitividade da oração é alta.

(55) *A Casa Branca repudiou nesta quinta-feira as ameaças do aiatolá Ali Khamenei,*  
(mun 1-globo)

[+] participantes, [+] cinese, [+] aspecto do verbo, [+] modalidade da oração, [+] afetamento do objeto, [-] agentividade do sujeito → 5 traços na escala de transitividade

No exemplo (55), verificamos uma oração com modo *realis*, o verbo está em sua forma perfectiva, ou seja, é um acontecimento acabado e temos a presença de dois participantes, o sujeito ‘A Casa Branca’ e o objeto ‘as ameaças do aiatolá Ali Khamenei’.

Nos exemplos (56) e (57) a seguir, observamos ainda um grau alto na escala de transitividade (com 5 traços positivos). Observe:

(56) *declarou nesta quinta-feira à AFP Valeria Ajovalasi* (ed 2-globo)

[+] participantes, [+] cinese, [+] aspecto do verbo, [+] modalidade da oração, [-] afetamento do objeto, [+] agentividade do sujeito → 5 traços na escala de transitividade

(57) *declarou nesta quarta-feira à AFP Yves Robins, diretor de comunicação do construtor aeronáutico francês.* (mun 6-globo)

[+] participantes, [+] cinese, [+] aspecto do verbo, [+] modalidade da oração, [-] afetamento do objeto, [+] agentividade do sujeito → 5 traços na escala de transitividade

Ambas as cláusulas possuem a mesma estrutura sintática: verbo ‘declarar’, locução temporal dêitica e sujeito posposto ao verbo. Nestas, o único traço negativo é com relação ao afetamento do objeto. Verificamos que, no *corpus* estudado, esses foram os únicos dois casos de locução adverbial inserida entre o verbo e o complemento em cláusulas com alta transitividade. Apesar de o número de traços ser alto, esses casos não são casos de transitividade alta prototípica, uma vez que o sujeito está posposto ao verbo e se trata de um verbo *dicendi*, que tipicamente ocorre em textos jornalísticos e literários em ordem VS.

Dessa forma, observamos que, em um total de 54 ocorrências com a locução inserida entre o verbo e seus complementos, apenas alguns casos bem particulares contrariaram a hipótese inicial de inserção do adverbial entre o verbo e seus argumentos em cláusulas de alta transitividade e na verdade tais casos não são de transitividade alta prototípica. Tais resultados nos fazem crer que a hipótese inicial estaria correta.

Quando observamos os demais dados em que as locuções ocorrem em posições não-inseridas, estudadas nas seções anteriores (nas posições de margem direita e esquerda, ou em posição pré ou pós-verbais fora das margens), vemos que acontecem casos de transitividade alta (além de transitividade baixa), como nos exemplos abaixo:

(58) *Gigantes do setor anunciaram recordes nas últimas semanas* (*O Globo*, notícias de mundo, 07/02/2007)

[+] participantes, [+] cinese, [+] aspecto do verbo, [+] modalidade da oração, [-] afetamento do objeto, [+] agentividade do sujeito → 5 traços na escala de transitividade

(59) *Na semana passada, ele pediu informações ao TCU (Tribunal de Contas da União) sobre o uso da verba federal no evento. (Folha de São Paulo, notícias de esporte, 14/08/2007)*

[+] participantes, [+] chinesa, [+] aspecto do verbo, [+] modalidade da oração, [-] afetamento do objeto, [+] agentividade do sujeito → 5 traços na escala de transitividade

Nos dois exemplos acima, a transitividade da oração é alta – ambas possuem 5 traços na escala de transitividade. A locução adverbial, nesses casos tenderia a se colocar nas margens ou pelo menos não inseridos entre o verbo e os argumentos, porque a integração desses constituintes básicos é forte.

## 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tinha como principal objetivo discorrer sobre a ordenação das locuções adverbiais temporais e aspectuais do português escrito, buscando, através de pressupostos funcionalistas, as motivações para o posicionamento das locuções.

Para isso, selecionamos textos jornalísticos de grandes veículos nacionais, considerando a questão da intertextualidade de gêneros proposta por Marcushi, ou seja, a idéia de que um gênero pode ser apresentado com função de outro. Por essa razão, tentamos observar cada texto de nosso *corpus*, a fim de encontrarmos as características predominantes de cada um deles e sabermos se estas influenciariam no posicionamento das locuções. Portanto, foi preciso desprezar a classificação dada pelos jornais e revistas e estabelecer critérios para o que considerar um editorial ou uma notícia ou um artigo.

A análise desenvolvida nos permite afirmar que as locuções adverbiais tendem a ocupar as margens da oração, o que está de acordo com nossas expectativas iniciais. De acordo com o Subprincípio Icônico da Integração quanto mais próxima cognitivamente a estrutura estiver, mais próxima sintaticamente ela se posicionará. Assim, as locuções, sobretudo as que expressam tempo, por normalmente não modificarem a idéia do verbo, poderiam ocupar posições mais afastadas. Não foi possível, no entanto, identificar a posição não-marcada da locução adverbial, pois a diferença entre as margens não foi significativa, conclusão a que também chegou Brasil (2005), em seu estudo.

Através da classificação semântica da locução, baseada em Ilari e Martelotta, pudemos verificar uma grande quantidade de locuções com valor dêitico. Ao cruzarmos esse fator com as posições assumidas pelos circunstanciais esperávamos haver uma

influência do papel semântico da locução com a sua ordenação. Vimos que as dêiticas posicionaram-se nas margens das cláusulas, com uma diferença pouco significativa entre elas. O mesmo pode ser observado com relação as delimitativas, ao contrário do esperado, já que prevíamos o aparecimento das locuções com valor delimitativo mais na margem esquerda das orações. Já as durativas e as reiterativas ocuparam principalmente a margem direita da oração, já que são locuções mais aspectuais e normalmente não possuem uma função de retomar informações no discurso anterior. Ainda com relação à semântica, vimos que as locuções reiterativas, por estarem mais próximas cognitivamente ao verbo, ocupam posições mediais da cláusula. Com relação às locuções com valor simultâneo, embora tenhamos encontrado poucos dados com esse, vimos que há uma forte tendência a um posicionamento mais fixo, na margem esquerda da oração.

A partir da análise dos gêneros, verificamos tendências opostas de ordenação das locuções no que concernem as notícias e os editoriais. Naquelas, a locução ocupou preferencialmente a margem direita da oração, conforme o previsto pela nossa hipótese. Na notícia o foco não é o tempo e sim o fato narrado, pois podemos partir do pressuposto de a notícia refere-se a algo que aconteceu naquele dia, ou num tempo próximo, sobretudo por se tratar de notícias *on line*, que dá destaque ao que está acontecendo. Além disso, há trechos com cadeias tópicas de orações, o que desfavorece o uso de locuções em início de oração (margem esquerda). Já nos editoriais, a tendência foi a ocupação da margem esquerda da cláusula, sendo o tempo uma informação colocada em foco, muitas das vezes em partes em que há contrastes de idéias entre frases e parágrafos.

Não encontramos diferenças significativas em relação ao posicionamento das locuções nos artigos. A maior parte das locuções aparece em posições marginais, seguindo

a tendência geral, no entanto, não pudemos identificar se a preferência era a direita ou a esquerda.

A análise do papel discursivo da locução foi de significativa importância para esse estudo, pois explicou grande parte das ordenações são devidas ao papel das locuções na macro-estrutura textual. A partir de uma releitura das funções propostas por Paiva (2007), determinamos cinco funções e vimos qual a sua influência na ordenação.

Nossa expectativa inicial era de que as locuções com uma função anafórica, aquelas que introduziam um subtópico e as que marcavam uma seqüência temporal ocupariam as posições pré-verbais e principalmente a margem esquerda da cláusula, por terem uma relação direta com o discurso antecedente. No *corpus* analisado, tal hipótese pode ser comprovada, pois todas ocuparam preferencialmente a margem esquerda da oração.

Aquelas locuções com uma função de circunstanciador, ou seja, aquelas que apenas indicavam o tempo do evento, ocorreram na margem direita da cláusula. Esse resultado deixa claro que essas locuções, por não terem uma relação com o evento descrito anteriormente, ocupam posições finais, isto é, sem foco e com escopo mais local. Ainda com relação a essa função, pudemos observar que elas ocuparam as posições mediais da cláusula, ou seja, as posições entre os verbos e seus argumentos foram preenchidas por locuções que também tinham um escopo mais reduzido.

Cruzamos ainda o papel discursivo da locução com os gêneros textuais para saber se havia alguma relevância nesse resultado. Observamos que nos editoriais as locuções se apresentam apenas com a função de circunstanciador e de introdutor de subtópico. Nos artigos e nas notícias, a mesma tendência pode ser verificada, pois a locução exercia um

papel de circunstanciador (predominante em todo o *corpus*), seguida daquelas que estavam em orações que introduziam um novo evento.

A função mista, por sua vez, teve um comportamento diferenciado das demais. Dos 6 dados encontramos de locuções que exerciam mais de uma função, 5 estavam presentes nos artigos, que são textos com um grau de formalidade maior e mostram, por vezes, a opinião do emissor.

Verificamos ainda o tamanho da locução com a expectativa de que quanto maior o tamanho da locução maior a tendência de estas aparecerem em posições marginais, já que assim não interromperiam o fluxo de informações entre os constituintes básicos da oração, evidenciando possíveis restrições dadas pelo princípio da iconicidade.

Encontramos em nosso *corpus* poucas locuções grandes – apenas 102 do total de 577 dados – e observamos que 76 se localizaram nas margens esquerda e direita da oração. As locuções médias seguiram a tendência das grandes, ocupando ainda preferencialmente as posições marginais. Conforme a hipótese, as posições mediais foram ocupadas pelas locuções de apenas duas palavras, ou seja, as pequenas. Nas posições entre o verbo e seus argumentos encontramos apenas 3 dados de locuções grandes em cada uma das posições (3 entre o sujeito e o verbo e 3 entre o verbo e o complemento), o que confirmou a hipótese de que as locuções com um peso fonológico maior não tenderiam a ocupar essas posições para não interromper o fluxo de informação. Com relação às margens, houve pouca diferença entre a direita e a esquerda quando as locuções eram médias e grandes. Já as locuções pequenas tendiam a margem direita, com quase 10% de diferença entre ambas. .

O estudo da transitividade da oração segundo Hopper & Thompson e Thompson & Hopper nos comprova a hipótese formulada por Cezario (2004) de que a locução tenderia a

aparecer em posições não-mediais (principalmente as margens) caso a transitividade fosse alta. Segundo a literatura funcionalista, quanto maior o grau de integração entre os constituintes da oração, menor a probabilidade de um elemento aparecer inserido eles.

Para verificarmos a hipóteses, analisamos somente as orações em que se verificava a presença de tais circunstanciais entre o sujeito e o verbo (SAdvV) e entre o verbo e seu complemento (VAdvC). Com relação à posição SAdvV, vimos que nenhum dado se tratava de uma oração com altíssima transitividade. Já com relação à posição VAdvC, apenas alguns casos bem particulares foram contra a hipótese inicial. Tais resultados nos fazem crer que a hipótese inicial estaria correta e a locução não tende a ocupar as posições mediais quando a ligação entre o verbo e seus argumentos for alta. Não fizemos uma análise de todas as posições com relação à transitividade, mas pudemos notar que os poucos casos de transitividade alta no *corpus* analisado apresentaram adverbiais nas margens das orações.

Com o estudo, podemos concluir que a ordenação das locuções adverbiais temporais e aspectuais no português está diretamente relacionada à necessidade de adequação às diversas situações de uso as quais os circunstanciais se inserem. Sendo assim, é possível constatar a grande tendência das locuções a se posicionarem nas margens da oração, o que aponta para os princípios da linguística funcionalista. Dessa forma, os objetivos comunicativos dos interlocutores e a organização do discurso são os fatores de maior motivação para as diferentes posições encontradas para as locuções adverbiais.

## 6- BIBLIOGRAFIA

ALBANI, Filipe V.L. Ordenação do advérbio sempre no português arcaico e no português contemporâneo. Dissertação de mestrado em linguística, UFRJ, 2007

ALI, Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 7ª ed, vol. 19, Melhoramentos, 1971.

AMORIM, Monika Benttenmüller. Orações adjetivas não prototípicas em textos do século XV e sincronia atual: uma abordagem funcionalista. UFF, 2009.

ANDRADE, Queli. *Ordenação das Locuções Adverbiais de Tempo em editoriais*. Dissertação de mestrado em linguística, UFRJ, 2005

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*, curso médio. 5ª ed, São Paulo: Companhia Editora Nacional., 1963.

BRASIL, Angela V. *Ordenação de circunstanciais na escrita: um estudo contrastivo entre PB e PE*. Tese de Doutorado, UFRJ, 2005.

BYBEE, J. & HOPPER, P. (org) *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

CEZARIO, Maria Maura. *Relação entre transitividade e colocação da Locução adverbial na oração*. Rio de Janeiro: 2004 (mimeo)

CEZARIO, Maria Maura, et alii. Ordenação de advérbios em textos religiosos. *Matraga*. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ. Rio de Janeiro: caetés, 2004.

CEZARIO, Maria Maura. *Relação entre transitividade e colocação da Locução adverbial na oração*. Rio de Janeiro: 2004 (mimeo)

CEZARIO, Maria Maura. ANDRADE, Queli Pacheco de. FREITAS, Érica Vânia Pianura. *Ordenação de Adverbiais Temporais e Aspectuais. Língua Portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro:Europa, 2005.

CEZARIO, Maria M., ILOGTI, Érika C. & COSTA, Júlia C .*Ordenação de adverbiais temporais ou aspectuais*. Revista *Transformar*.Itaperuna: Fundação Educacional e Cultural São José, 2005.

COSTA NUNES, Julia Oliveira & ILOGTI, Érika Cristine. *O Papel da Semântica na Ordenação dos Adverbiais*. Inédito.

COSTA NUNES, Julia Oliveira. *Ordenação dos Advérbios Temporais e/ou Aspectuais em –mente no português escrito contemporâneo*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2009.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Português*. 12<sup>a</sup> ed. 2tir. Rio de Janeiro: FAE, 1990.

CUNHA, Celso & CINTRA, L.F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ERMAN, B. & WARREN,B. The idiom principle and the open choice principle. In: *Linguistics:an interdisciplinary journal of the language sciences*. Vol. 39-6[376]. Berlin/New York: Mouton de Guyter, 2001.

FREITAS, Erica Vânia Pianura. *Ordenação de itens temporais e aspectuais em –mente*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2004.

FURTADO, Maria Angélica, OLIVEIRA, Mariangela R, MARTELOTTA, Mário E. *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

GIVÓN, Talmy. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: T. GIVÓN (ed.) *Syntax and Semantics* vol. 12 Discourse and Syntax. Academic Press, 1979

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York/San Francisco/London: Academic Press, 1979.

GIVÓN, Talmy. Topic continuity in discourse: the functional domain of switch-reference. In: J. HAIMAN & P. MUNRO (eds) *Switch reference and universal grammar*. John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia, 1983

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. New York: Edward Arnold, 1994.

HAMMES, Rosângela. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. *Revista Linguagem em (Dis)curso*. vol. 4. nº 2. Santa Catarina: Ciências da Linguagem, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. New York: Edward Arnold, 1994.

HOPPER, Paul. *Aspect and foregrounding in discourse*. In: GIVÓN, 1979

HOPPER & THOMPSON. *Transitivity in grammar and discourse*. Language, 56 (2): 251-299, 1980

HOPPER & TRAUGOTT. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ILARI, Rodolfo et alii. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do português falado: a ordem*. Vol. I. São Paulo: Editora da UNICAMP/ FAPESP, 1990.

ILARI, Rodolfo. *A Expressão do Tempo em Português*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

ILOGTI DE SÁ, Érika Cristine. Usos de Locuções Adverbiais Temporais e Aspectuais. Relatório de Pesquisa enviado para o CNPq-PIBIC, 2006.

KURY, Adriano da Gama. *Novas Lições de Análise Sintática*. São Paulo: Ática, 1986

LUQUETTI, Eliana Crispim França. *Os advérbios de tempo e de aspecto em -mente e sua ordenação: uma abordagem histórica*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2008. Tese de Doutorado em Linguística.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

MARTELOTTA, Mário E. *Esboço de uma teoria sintática*. UFRJ, 2003 (mimeo)

MARTELOTTA, Mário E. *Os Circunstanciadores Temporais e sua Ordenação: Uma Visão Funcional*. Tese de doutorado, UFRJ, 1994.

MARTELOTTA, Mário Eduardo et alii. *Manual de linguística*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MORAES PINTO, Deise Cristina de. *Os Advérbios Qualitativos e Modalizadores em –mente e sua Ordenação: Uma Abordagem Histórica*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ, 2002.

MORAES PINTO, Deise Cristina de. *Gramaticalização e Ordenação nos Advérbios Qualitativos e Modalizadores em –mente*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. Os advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo). In: ILARI, Rodolfo. *Gramática do português falado, v. II: Níveis de análise linguística*.

OLIVEIRA, M. R. ; CEZARIO, M. M. C. ; ALBANI, F.V.L. . *Articulação adverbial no discurso religioso*. Linguagem em (Dis)curso, v. 5, p. 295-321, 2005.

PAIVA, M. C; SANTOS, Luana, GULPILHARES, Carla, GOMES, Patrícia. Padrão não marcado de ordenação de circunstâncias temporais: regularidades e divergências entre fala e escrita. *Linguística: Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística, UFRJ*, v. 3, n. 1, pp.69-88, 2007.

PAIVA, M. C. Ordem não marcada de circunstanciais locativos e temporais” in VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (orgs) *Anthony Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica*, Rio de Janeiro, 7Letras, pp. 254-264, 2008

PAIVA, M.C. *A ordem de circunstanciais no português brasileiro escrito Diacrítica*, v. 22, fasc. 1, p. 73-91. Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2008

PAIVA, M.C. Temporais na margem esquerda da oração: indexação na fala e na escrita. In: RONCARATI, Cláudia; ALMEIDA, Jussara. *Português brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Niterói, Editora da UFF.

PERINI, Mario A. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1995

PIANURA, Erica. *Ordenação de itens temporais e aspectuais em –mente*. Rio de Janeiro: dissertação de mestrado, UFRJ, 2004.

PRINCE, Ellen F. *On the given and new distinction*. Chicago, Linguistic Society 15, 1981.

RABELLO, Mariana Klôh. *A Expressão de diferentes vozes nas notícias jornalísticas*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2008.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

RODRIGUES, Violeta Virgínia. *A função dos vocábulos em –mente na fala culta carioca*. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Mestrado, 1994.

SARAIVA, M. Elizabeth Fonseca. *Notas sobre o conceito de protótipo e suas implicações para o ensino de gramática*. Scripta, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 107-113, 1º sem., 1999.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. New York: Oxford University Press, 1989.

THOMPSON, S. & HOPPER, P. . Transitivity and Clause Structure in Conversation. In: BYBEE, J. & HOPPER, P.(Org.) *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjaming Company, 2001.

ULLMANN, Stephen. *Semântica. Uma introdução à ciência do significado*. Tradução de J.A. Osório Mateus. 3ª ed. Oxford: Fundação Calouste Gulbenkian/ Lisboa, 1964.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)